

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Antônio Patrício
Serão Inquieto

Contos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Antônio Patrício

Serão Inquieto

Contos

Publicado originalmente em 1910.

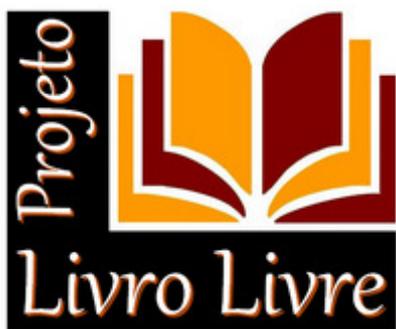
**Antônio Patrício
(1878 - 1930)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 173



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Antônio Patrício: “*Serão Inquieto*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Antônio Patrício, escritor e diplomata português, nasceu na cidade do Porto, no dia 7 de Março de 1878. Faleceu em Macau, em 4 de Junho de 1930.

Era Filho da doméstica Emília Augusta da Silva Patrício e de Antônio José Patrício, armador e dono de uma agência funerária.

Em 1908 conclui o curso de Medicina na Escola Médica do Porto. No ano de 1911 ingressa na carreira diplomática ao ser nomeado cônsul em Cantão, falecendo no ano de 1930, em Macau, quando ia tomar posse como ministro de Portugal em Pequim. A sua obra foi profundamente marcada pelas influências de Nietzsche, Maeterlinck e D'Annunzio, bem como pelas correntes literárias do simbolismo, do decadentismo e do saudosismo.

Frequentou o Liceu Rodrigues de Freitas, no Porto, prosseguindo os seus estudos na Academia Politécnica dessa mesma cidade, no curso de Matemática, embora não o tenha concluído.

Em 1898, durante o período em que cumpre o serviço militar, casa-se com Alice Minie Josephine d'Espiney. No ano seguinte nasce o seu primeiro filho, Emílio d'Espiney Patrício. Nesse mesmo ano, Antônio Patrício parte para Lisboa onde frequentará a Escola Naval (1899-1901). A partir de 1901 dedica-se aos estudos de Medicina na Escola Médica do Porto, concluindo o curso no ano de 1908, sem nunca vir a exercer tal profissão.

Em 1910 toma a decisão definitiva em relação à sua vocação, escolhendo a carreira diplomática. Nesse mesmo ano é nomeado cônsul de 2ª classe em Cantão. Antes disso, porém, notabiliza-se numa missão na Corunha, onde consegue impedir com sucesso a entrada de um carregamento de armas destinadas aos monárquicos portugueses presentes na Galiza e sob o comando de Paiva Couceiro. Seguem-se as missões em Manaus e Bremen. É afastado da diplomacia em 1918, após desinteligências com o general Sidônio Pais, então em ascensão. Regressa ao serviço no ano seguinte, sendo destacado para Constantinopla. Em 1920 sofre bastante com a morte de um dos seus filhos, Antônio Patrício Júnior.

Passará ainda por Londres e Caracas antes de regressar a Portugal, em 1928, iniciando funções na Secretaria de Estado do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Volvidos dois anos, é designado ministro de Portugal em Pequim, cargo que não chega a ocupar, vindo a falecer em Macau.

A atividade literária de Antônio Patrício começa a ganhar força a partir de 1905, com a publicação do seu primeiro livro, *Oceano*. Depois deste trabalho dedicado à poesia, segue-se a publicação de *O Fim* (1909) e *Serão Inquieto* (1910). Estes dois livros iriam evidenciar a sua versatilidade como escritor, ao demonstrar-se um sólido dramaturgo e contista. O seu talento como dramaturgo daria origem, ainda, aos seus trabalhos mais conhecidos, que são as peças teatrais *Pedro, o Cru* (1918), *Dinis e Isabel* (1919) e *D. João e a Máscara* (1924).

Apesar destas surtidas no universo da composição dramática, Patrício era sobretudo um poeta, muito embora boa parte da sua obra neste campo só tenha vindo a lume postumamente. A sua poesia distingue-se pela sensibilidade, pelo rigor estético e formal imprimido às suas obras e ainda pelo fundo trágico que invariavelmente acaba por ter no Amor o seu tema predileto. Cultivou o simbolismo, o decadentismo e o saudosismo, tendo sido colaborador das revistas *Águia*, *Atlântida* (1915-1920), *Arte & vida* (1904-1906) e *Contemporânea* (1915-1926). Em toda a sua obra perpassa a influência do niilismo de Friedrich Nietzsche, da concepção estática do dramatismo de Maurice Maeterlinck e da expressão verbal intensamente trabalhada de Gabriele D'Annunzio.

Wikipédia
Janeiro, 2014

ÍNDICE

| | |
|----------------------------|----|
| <i>Words</i> | 2 |
| O Veiga..... | 11 |
| Suze..... | 30 |
| O homem das fontes..... | 44 |
| O precoce..... | 59 |
| Diálogo com uma águia..... | 70 |

A

ANTÔNIO CÂNDIDO

*Ecris avec du sang et tu apprendras que le sang est
esprit.*

Ainsi parlait Zarathoustra.

F. NIETZSCHE.

WORDS...

(De um caderno de notas de C. F.)

—Ao morrer, cada um de nós deve dizer à Morte: “Deixe-me estar ainda um bocadinho. Esquecia-me por completo de viver...”

—Xerxes chicoteou o Helesponto. Quando nós nos queixamos do Destino, somos tão pueris como esse rei.

—A dor deve ser como um amante—que nos faz sofrer e em quem batemos.

—Nietzsche definiu a glória “a falta de pudor na admiração”. No meu país, é a falta de pudor na incompreensão.

—No silêncio, nascem em nós sentidos: os sentidos para a vida do mistério...

—Obsessão a brocar um moribundo:

“Nunca olhei, sem outra idéia, para o sol...”

—Só a verdade é inverossímil.

—A amizade é uma hipótese divina que só os grosseiros cuidam ter vivido.

—Avaliamos quase sempre os outros pelas opiniões que tem de nós. É por isso que conhecemos menos—aqueles que mais julgam conhecer-nos.

—Os artistas procuram no amor, além da satisfação do instinto, a glória,—na admiração de mãos postas da mulher. Compensa-os de não terem público, e só tarde percebem—que quanto mais beijados... mais inéditos.

—É preciso ser feliz em família para compreender a volúpia de estar só.

—Porque é que os ciprestes entristecem?... Porque, para nós, são um soluço alongado e verde-escuro. É bem possível que eles sejam muito alegres... É por motivos destes que muitas coisas nos parecem tristes.

—Alguns dizem: publicar um livro é prostituir-se. Pedantes! O mar recebe nele os vossos corpos...

—Quem mais injustamente julga um crime? Primeiro o criminoso, que estava fora de si, que já não sabe; depois os julgadores oficiais—que estão fora de si profissionalmente.

—*Aut César aut nihil*. Podes ser um mendigo e ter na tua vida interior este brasão.

—Sou por tal forma talhado para amar—que o meu amor cresce com o meu desprezo.

—A maior parte da gente é honesta—em virtude da lei do menor esforço.

—Há um instante na vida em que cada um de nós se julga um deus: com uma doutrina a revelar, um calvário nos longes e um profeta...

—Quando depois de lamentar alguém o vemos salvo, sentimo-nos roubados.

—A arte é o refúgio dos que não podem viver integralmente. E muitas vezes também, uma vingança.

—A mentira e o dever são irmãos gêmeos.

Quando naturalmente, por instinto, nós fugimos ao código e à moral, ela apareceu-nos, máscara doirada, para esconder a responsabilidade. Mas há outra, a mentira criadora, que é a asa do Sonho e da Beleza. Os filósofos chamam-lhe:—Verdade...

—Um as mãos, um gesto de mulher, um perfume de flor, ou um velho estofo, consolam bem melhor que Marco Aurélio...

—As mulheres não falam só ao nosso instinto. Falam mais: sem se ouvirem, sem saberem... São quase sempre vazias ou banais. Mas para além da frivolidade e do desejo, são verdadeiras fontes de inconsciente. Numas pálpebras descidas, num olhar, no misterioso de milhares de nada, há sonhos e sonhos revelados, a expressão do irreduzível a palavras.

Elas são na sua vida interior, como crianças a assistir a uma tragédia... Soube lá nunca a Mona Lisa que tinha tudo o que Vinci copiou!...

—Um perfume na sombra tem uma voz de aparição.

—A renúncia é uma doença do desejo. Vem com a velhice quase sempre.

—A humildade corresponde no homem ao mimetismo dos insetos.

—Certas preferências—que nem o raciocínio nem a estesia explicam—despertam em nós sensações de vidas anteriores: um certo perfume, uma paisagem para outros sem encanto, certa feia, uns versos medíocres, um acorde banal...

—Recusei ontem uma apresentação a um “homem de princípios”. Para quê? Um “homem de princípios” é um homem conhecido: está impresso.

—Música do mar—Aquele violinista meu amigo foi viver, por conselho meu, para a beira mar. Ia com uma grande febre de compor. Levava um quarteto inacabado, um esboço de sinfonia, outros projetos... Encontrei-o na praia ontem à noite.—Então... esse quarteto? a sinfonia?...—Nem quarteto... nem sinfonia... nem violino... Eu já não faço música. Pus-me a ouvir a do mar bem simplesmente.

—A moral é um lastro. Deita-se fora para subir...

—Todos dizem adeus com o mesmo gesto. E esse gesto é o das asas... Subir é ficar só.

—Quando duas criaturas se amam, não pensam um instante em compreender-se. Uma vaga de inconsciente submergiu-as. Só mais tarde, morto o desejo, se reconhecem com espanto, dois estranhos.

Dizem com desespero: “Um de nós mudou. Já não somos os mesmos”.

—De uma maneira geral, temos mais pontos de contato com os nossos inimigos do que com os nossos amigos.

Amar uma mulher, querer conseguir o mesmo fim, são causas de ódio.

—O nosso inimigo é o nosso cúmplice.

—Os programas de governo estão para a política, como os dogmas para as religiões. Nem os primeiros interessam os partidários, nem os segundos os crentes.

—A liturgia obliterou-se, é de uma teatralidade já sem símbolo. Corresponde à retórica—ou arte de hipnotizar imbecis com gestos e palavras em que se sacrifica à idéia ausente.

—Não há esculturas como as nuvens.

—Os homens que constroem um sistema, fazem a própria jaula em que se fecham.

—A grande indústria humana—a específica—é a fabricação de deuses.

—Para viver puro é preciso durar como as espumas: um instante.

—A tragédia de D. João está no supremo poder de seduzir, de que ele próprio foi a maior vítima. Em nenhum amor matou a sede.

De mulher em mulher, como outros de idéia em idéia, ele era, essencialmente, um homem bêbedo de Deus, como Spinoza.

—Um perfume é uma confiança: é também o olhar das flores, e, segundo Helo, o seu estilo.

—Viajar é a arte de saborear decepções.

—A magia da viagem, tão grande como a do amor, começa no instante do regresso. A do amor chama-se—saudade, a da viagem—evocação.

—Se na morte tivéssemos consciência—gozaríamos enfim a viagem da vida.

—Um artista numa terra nova tem a sensação de nascer segunda vez.

—As escolas literárias são verdadeiras cooperativas de consumo. É só matricular-se... e cozinhar.

—Os gênios são inclassificáveis: são a promessa falhada de outra espécie.

—A garra do gênio é a sinceridade.—Falar por *la bocca de su herida* é um ato heróico.

—Só são coerentes os factícios.

—Os que se conhecem, são vazios.

—A palavra de honra é uma gazuá. Força a credulidade dos ingênuos quando não temos força moral para os convencer.

—A música é o médium do mistério.

—A eternidade é a sensação de alguns instantes...

Às vezes é num grande perigo que a sentimos: certos segundos lúcidos da agonia em que se faz o supremo exame de consciência; antes duma operação grave, quando cada gesto tem um fervor de despedida; nos últimos minutos dum condenado à morte.

Outras vezes, é num grande gozo que a entrevemos: no espasmo da cópula; na aura do ataque epiléptico (que Dostoievski diviniza); nos primeiros momentos de admiração por uma obra-prima; na vertigem da criação sub-consciente; e finalmente os místicos, na absorção em Deus, ou, segundo a expressão de Dante, quando “partem do século”.

—Uma vez, tomando nas mãos uma cabeça de mulher, disse-lhe baixo, com a vontade perdida nos seus olhos: “Podes fazer de mim o que quiseres”.

É isto que eu agora digo à Vida.

—Testamento dum pobre—Se eu morrer na primavera, envolvam em feno aromático meu cadáver nu, cubram-me de lilases e de rosas, deixem-me decompor assim—com tantos vermes como borboletas!

Enterrem nos meus olhos de morto já gomosos, pecíolos de rosas de veludo. Não me embalsamem. Que eu seja uma podridão bem petalada!

Ponham-me sob uma árvore florida, para que um vento de cópula passando, sacuda o pólen sobre o meu cabelo! Depois no roxo outono, morto, o mais feliz dos mortos, cada corvo que vier grasnando—há de partir de gula o bico curvo contra o meu crânio em que há pétalas murchas...

—O sacrifício é a seleção natural invertida: os fortes servem de degrau aos fracos.

—A incoerência instintiva, absolutamente sincera, tem uma lógica interior—a própria lógica da vida—que os psicólogos profissionais nunca auscultaram. Os personagens de Dostoievski, por exemplo, ganham tanto mais em unidade e em verdade, quanto mais, para olhos vulgares, se contradizem. Bourget é o psicólogo da coerência...

—O grito de Oswald Alving no último ato dos “Espectros”: “Mãe, dá-me o sol”, é o grito que a morte gela em muitas bocas.

—Portugal é um navio naufragado em que a tripulação espera há séculos...

—A arquitetura que eu mais amo é a dos navios.

Os mastros aspiram como agulhas góticas, mas enquanto a catedral se queda em êxtase, as velas seguem entre adágios de asas...

—Adoro o mar. Ando a ensinar ao meu desejo um ritmo de ondas, e à minha dor a arquear de desespero como as vagas—mas a sorrir por fim em pó de espumas.

—A. é um místico (*medievalite* e hidrofobia), B. vê tudo Wateau (é um requintado...), C. é um grego do tempo de Péricles; eu, tal qual tu me vês, sou um romano...

Quantos homens da Renascença tu conheces!...

O visconde L., por exemplo, é um Medicis...

Como quase ninguém está nesta época—é bem de ver— quase ninguém existe. Os que tu vês—são só sobreviventes... almas fósseis...

—Uma estátua mutilada humilha menos a nossa imperfeição: está mais perto de nós, comove mais.

—Conheci um poeta que escreveu a “Imitação do Mar”, paralelo á “Imitação de Cristo”.

Durante semanas viveu num quarto—só—uma vida de vaga. Encrespou, arqueou num grande esforço, foi um côncavo glauco cheio de asas, e explodiu a rir—todo espumante...

Só eu sei que se matou por não poder reviver aquela vida.

—Um livro tem para o autor uma outra voz: a do seu sangue a correr pelas palavras.

—O ritmo é o anestésico mais forte.

—O sarcasmo é um soluço que despreza.

—Alguns escritores publicam os retratos nos seus livros. Ignoram, decerto, que a vera efígie de um artista é o estilo.

—Há no fundo do panfletário mais violento, um pobre diabo ingênuo, fascinado, que aspira a conselheiro—sem saber...

—Receita para fazer sucesso: condensar a banalidade, dar-lhe ênfase e imprimi-la com maiúsculas...

—Alguns condenam as corridas de touros e proclamam como uma obrigação—o sacrifício...

—A procurar o sentido da vida, esquece-se muita gente de viver.

—Conheço muita gente que só olha a natureza... emoldurada.

—O processo, em arte, é o *maquillage* do talento.

—O sucesso faz-se nos jornais:—a glória no silêncio.

—Quando um homem superior é célebre, ou é admirado por defeitos, ou então por qualidades que não tem...

—As metafísicas são a *Belle au bois dormant* contada em idéias.

—Que frio! Deito ao lume os meus deuses para aquecer... É bom ouvi-los crepitar: lenha divina!

Mas da cinza dos deuses—nascem deuses. Pela janela aberta vejo uma estátua na névoa: o super-homem!

Criar deuses é a mais estranha função da nossa espécie. Nem podemos aspirar as rosas: vivemos asfixiados de divino...

—Já viste uma ave livre—adormecida?... Tem nas asas fechadas todo o céu. Antes de te deitares, bebe à janela a noite, até caíres...

—A civilização é uma camisa de forças. Há duas maneiras de a rasgar: a arte e o crime.

—A sociedade perfeita é a de Narciso: a própria imagem refletida numa fonte. É o máximo e o mínimo de convívio.

—A alegria é a pérola dos mergulhadores. Só se descobre com muitas atmosferas de dor por sobre os ombros.

—Meditar é viajar através de nós mesmos.

—A lei faz isto: que um homem passe com fome num pomar sem cravar os dentes num só fruto...

—As academias são o *trust* da glória. Às vezes, são também o asilo...

—Para saberes a expressão que tem as rochas, encomenda uma a um escultor. Nenhum ta poderá executar. São mil máscaras fundidas numa máscara.

—A melhor maneira de admirar um escritor é viver segundo o ritmo da sua obra.

—Viver é adorar com o corpo todo. A suprema oração é o desejo, a linguagem— a arte, que é o esforço heróico para a Beleza.

—Morte! És para mim o sal da vida...

O teu silêncio grita:—andem depressa! Deita mais lenha na ambição, ambicioso; decifrador de enigmas, parte a esfinge; corpo a corpo, amorosos, sonho em sonho; e tu, maníaco de teorias, bom filósofo, coze depressa o teu sistema— anda depressa!...

O teu silêncio excita como uma dança de baiaderas: dá vertigem...

Para exasperar em nós a sagrada loucura de viver, para que os homens não percamos um instante—ergam-te estátuas nos jardins, nas praças, na cimalha das academias e dos templos, Musageta da Vida, grande Morte, com a lira de Apolo e olhos vazios...

—O que é o mar para o meu corpo, é a dor para a minha alma.

—A solidão, beata solitudo, é o palácio encantado dos espelhos. Ó alma, corre as tuas galerias. Miríades de retratos, de obras-primas, no dédalo dos corredores, nas salas lúcidas, ecoando em reflexos, irisando-se, como a palavra de Deus de estrela em estrela. É o teu povo; és tu, alma: és tu mesma.

—O tato da alma é a evocação.

—Outono: idílio da Natureza com a Morte.

—O amor é o gênio do desejo: um instinto espiritualizado.

—A arte é uma espécie de alquimia: mesmo do crime, extrai o ouro mais puro.

C. F., meu ex-condiscípulo, despediu-se de mim para casar, como outros se despedem para morrer. Casou depois de ter vivido intensamente,—como outros

se fazem morfinômanos ou alcoólicos: para anular a sua inquietação, a sua febre, na sedativa estupidez da vida séria. Sentia-se sem saúde e sem coragem, quer para viver a vida com nobreza, quer para ir ao encontro ao seu outono, morrendo a tempo—como manda o meu filósofo. Foi há três anos. Nunca mais nos vimos. Soube depois, por os jornais, que é deputado e, o que é melhor... ou pior, que vai ser par. Não sei se o meu amigo conseguiu a paz no anulamento, ou se é o ator duma comédia lúgubre—mascarando de banalidade o seu espírito. Deixou-me à hora da morte (à hora da vida social, da vida séria) os seus cadernos de notas—e uma obra de humorismo lírico, de ironia comovida e filosófica:—A Metafísica de uma borboleta.—Estas notas, que transcrevo de um dos seus cadernos, de entre as que não ferem sensivelmente a moral pública, são talvez—os senhores dirão—curiosas.

O VEIGA

A Ramiro Mourão

É o tipo mais estranho que eu conheço. Que anos terá? Deve ter trinta ou mais. Magríssimo, esse lúgubre cabide que é o seu corpo, traz enfiadas roupas de outros, muito largas: sobrecasacas, *fraks*, vestes ricas, esverdeando, já em plena decomposição, e mais vexadas nesse esqueleto curvo de pedinte que numa loja de adelo ou num palhaço.

Decerto o conhecem. Decerto já, cerimonioso e gago, lhes pediu esmola. É um pobre diabo e é doido: o Veiga.

Caricatura das ruas, conselheiral e poética, encontro-o sempre com vagar e ritmo, num abandono corcova de vadio, que daria dandismo a um diplomata.

Pois bem: é só mendigo. Mas não como nós todos, a uma esquina de rua ou a uma porta banal de ministério, a pedir emprego ou noiva rica, dez reis ou participação num monopólio. Não é assim: é outro gênero, é paradoxal, é único!

Pede para comer, mas não come como nós todos: por comer. É para viver a Vida, a Vida toda! Esperem um instantinho: é extraordinário.

Deixem-me antes contar-lhes como ele era.

O Veiga, quando eu dei por ele, era empregado num cartório. Às dez, todas as manhãs, enfiava com unção manga de alpaca. Assim ficava até às três, todo curvado, cumprindo religiosamente, riscando o papel selado com uma letra estilada e redondinha, tão correta e tão banal que fazia o desespero de um grafólogo.

Tipo neutro, nem vou lá, nem faço minga, gozava em todo o tribunal uma simpatia benevolente e desdenhosa. O escrivão, os colegas diziam dele: é um pobre diabo.

Era bem um pobre diabo.

Sofriam os seus nervos destrambelhados com o drama quotidiano do tribunal, esse espetáculo de miséria em carne viva, explorada pelos outros que viam nela a melhor posta, extra-oficial e lucrativa, o verdadeiro emprego.

O Veiga, coitado, não explorava: sofria. Às vezes, copiando interrogatórios, mandados de captura ou de penhora, tinha os olhos rasos, e umas revoltas

frustes de nervoso crispavam-lhe as mãos magras na caneta, perturbando em trêmulos sem arte o seu lindo e banalíssimo cursivo.

Em muitas dessas prosas rígidas, onde se amortalha em formulas destinos, ia o gráfico da sua emoção romantizada, o patético mapa dos seus nervos.

No cartório, melhor do que nos livros, sem gangas literárias, sem imagens, o Veiga ouviu a maré rouca da desgraça: a sua caneta atenta correu-lhe os sete círculos fatídicos; soube-a de cor, como um folhetim vivo, gritado aos seus ouvidos, que ele recolhia em papel selado a 20\$000 réis por mês.

Naquelas laudas oficiais folheava a vida social como num índice; lia como numa partitura, toda a harmonia humana. E que harmonia, Santo Deus!

Tinha vontade de fugir, de tapar os ouvidos, de se meter sozinho num buraco. Ali roçou, mais encolhido, aspirações, quimeras ulceradas. Como era um fraco, de uma nervosidade romanesca, sentiu terror: tinha vontade de chorar. Não embotava como os outros num cinismo comodista: cada vez destrambilhava mais.

Claro que não podia ter amigos: era ridículo, era diferente, era um sozinho. Riam-se dele com benevolência, estendiam-lhe a mão com um ar de obséquio.

Quando se afastava de algum grupo, sob as arcadas conventuais do tribunal, ia aflito, a querer sumir-se, com vontade de morrer, pois bem sabia que se riam dele, das palhetas desafinadas, da gaguez.

Vivia com a mãe e sem mais parentes. Mal chegava a casa, ia esquecer, queimar no braseiro interior essas misérias, e com a luz de tão má lenha, fazia nimbos para o seu sonho.

Com que sonhava ele? Com o Amor.

Vira-o nu, reduzido a autos; ouviu-o debater-se bem imundo na camisa-de-força que é a Lei; acotovelou-o no cartório, em todas as formas, da prostituta de viela ao adultério rico; e assim mesmo, persistiu em amar imbecilmente, convencido,—o desgraçado! de não sei que sarcástico destino que o talhara para amoroso, com uma carcaça humilhante de fantoche.

Amou.

Era uma loira muito cromo, filha da loja de miudezas lá da rua. Escreveu-lhe em insônias de delírio, cartas imensas em papel azul. Chamou-lhe tudo e ela respondeu-lhe. Durante umas semanas viu cor de ouro, andava estonteado,

como em sonho, suspenso dos fios dessa trança, pairando à altura de um terceiro andar.

E mesmo na saleta do cartório, se o deixavam só alguns instantes, fechava como os místicos os olhos, para ferrar as pálpebras com ela, sussurrando baixinho devoções.

Que lhe importava agora o tribunal, essa tragédia amorfa, sem estilo, tantas palavras que condensam dramas e que ele por ofício, copiava! Escrevia a pensar nela, envolto em vago, como numa nebulosa redentora, e já não via no papel um mar pautado, em que bóiam cadáveres de destinos, frangalhos de esperanças, vidas podres...

Há muitos dias, o Veiga era quase um ser de sonho. Dizia à mãe em casa coisas vagas, comia talvez menos, mas radiava.

Tinha grandes cuidados de *toilette*. Mandou brunir o seu antigo *frak*, que agora sem pêlo era espelhento, e arranjou ainda um coco preto que o magoava pouco na cabeça. Para ser em segunda mão, era magnífico. Vendera-lho um colega no cartório. Andava cheio de felicidade como um ovo. Era uma vontade doida de sorrir, de beijar as crianças, dar esmolas, de agradecer a Deus o sol e a chuva, e de dizer a todos que era amado.

Tinha ido apreçar um anel de ouro, e fazia economias prodigiosas para lhe dar em breve essa aliança. Para ele o anel era um símbolo supremo: fundiria para sempre os seus destinos.

Só iria falar-lhe, gritando-lhe da rua o seu amor, quando pudesse levar esse aro liso, que ela enfiaria olhando-o perturbada, como numa liturgia nupcial.

Chegou o dia. O Veiga nem comeu. Meteu o anel no bolso, pôs o coco, beijou a mão à mãe comovidíssimo, e partiu rítmico e mudo, mui solene, como se pisasse a aresta do destino.

Era ainda cedo. Vadiou nas ruas, braços pendentes, lânguido, cismático, a construir projetos de futuro: outra casa melhor e em poucos anos—um lar com ela, imortalmente loira.

Caminhava, alheado, flutuando, sem olhar, sem perceber aspectos, fumando o seu monólogo de sonho, sentindo com prazer que a noite vinha.

Parou por fim, cravando olhos de febre nessa varanda do terceiro andar.

Esperou... esperou e ela não vinha!... Há quanto tempo olhava ele a varanda? Há cinco minutos talvez, talvez há uma hora. Perdera a noção do tempo. Não sabia. Súbito moveu-se o transparente... Era ela. Olhou um instante, viu-o, e retirou depois de um modo brusco.

“Coitadinha! Não pode vir agora. Talvez gente de fora... Esperarei”—pensava o Veiga com as pernas a tremer. E esperou, esperou, numa agonia.

Por fim deram dez horas muito fortes, badalando-lhe dentro da cabeça. Ergueu os olhos. Não podia mais. Batia os vidros um luar de opalas fluidas, e ela apareceu na claridade, muito branca, ao mesmo tempo que lhe deu um encontrão um caixeiro ajanotado que passava.

“Foi decerto sem querer”,—pensou o Veiga, mas viu-o logo voltar-se a provocá-lo.

“Que tem ele comigo? Que lhe fiz?” E interrogava-se assim ingenuamente, quando o viu fazer sinais para o andar dela e apontá-lo a rir, com um ar de troça.

Cessou em torno dele toda a vida. Deixou de ver, deixou de ouvir, ficou imóvel, numa aura de vertigem que o lambia, cara para o alto, lívido, inconsciente. O outro então aproximou-se dele, físgou-o pela gola, muito teso, e com bruscos sacões foi-lhe dizendo:

—Que faz você ali, seu grande lorpa? Não percebeu ainda que o troçaram? As suas cartas trago-as eu aqui, para as ler aos meus amigos, para me rir. Você sempre é um ponto de primeira... Você ouve ou não ouve?...

E deu-lhe um sacão último mais forte.

—Não há que ver. É mouco como um muro.

O Veiga olhou-o atônito, sem gestos. Não teve uma palavra. Empedrou todo. Vergava de fraqueza, mal ouvia, e nos olhos de febre, muito abertos, um desencanto imenso, emparvecido, um vazio de assombro, semi-louco... Estava em frente do outro sem o ver. Todo o seu corpo magro de humilhado corcoveava ainda mais de decepção, como se o esfrangalhasse uma rajada. Parecia esperar uns braços para cair. O outro olhou-o num desprezo besta, e rematou com o punho em murro junto dele:

—Agora rode! Senão parto-lhe a cara.

O Veiga nem buliu. Ficou inerte.

—Não ouviu, seu burro, não ouviu?

E como ele não tinha um movimento, deu-lhe uma bofetada que o virou. Depois, gozando muito o seu triunfo, encheu-lhe de pontapés o corpo todo, teve-o nas patas enovelado como um trapo, até que farto, resolveu largá-lo, soltando-lhe magnânimo o perdão:

—Já basta. Tomou para o seu tabaco...

Havia um luar de espasmo, amorosíssimo, e o imbecil, trepando a rua derreado, abafava os soluços contra o lenço, cerrava a boca seca como em trismo, e só tinha uma ânsia a empurrá-lo: ir despertar a mãe na alcova escura para chorar baixinho junto dela, como em petiz quando o troçavam no colégio.

Só isto poderia consolá-lo: ouvir-lhe a voz, palavras de ternura, sentir-lhe as mãos rugosas nos cabelos...

Fez um último esforço, dominou-se. Foi em bicos de pés até ao quarto, e caiu de bruços sobre a cama, como se fosse a cova, para acabar, na humilhação suprema de sovado diante do seu ídolo tão loiro.

Crispou no travesseiro mãos de náufrago, como na carne de alguém que o acolhesse, um amigo para ouvir-lhe a confidência; disse coisas baixinho, o nome dela, chorou horas e horas, gemeu alto, diluindo nas lágrimas a angústia, sentindo contra o corpo extenuado a moleza da moinha a consolá-lo.

Por vezes chorou quase com prazer, desdobrou-se, assistiu ao seu martírio, como nas melhores noites de teatro, quando ouvia os quintos atos soluçantes, apertado num lugar das galerias.

Esteve assim de bruços muito tempo, amolentado, estúpido, pastoso. Não podia dormir: era impossível. E com um grande esforço, quis erguer-se. Mas doeram-lhe então as pisaduras, e numa raiva fruste de impotente, feriu a paz do quarto com patadas, com rangidos de dentes e com murros, torcendo-se num ódio corrosivo, menos contra o caixeiro que o tosara, que contra ele, Veiga, gago e reles, sempre curvado em cumprimentos torpes, entre troças e adeuses de desprezo, sem coragem para um murro ou uma insolência.

Sentiu-se trapo, lodo, coisa imunda. Teve mesmo prazer em deprimir-se; rolou-se na humilhação quase com gozo, como outros na glória ou na luxúria, e arrancou do seu misérrimo grotesco, da sua covardia tão cusvida, este consolo cristão para aureolar-se:

—Sou uma vítima, uma vítima do Amor e do Destino!

Tinha ainda na cara as bofetadas, ouvia ainda a voz boçal do caixeiro: “Já basta. Tomou para o seu tabaco”; mas a única realidade bem tangível, ao sentir-se chorar, assim, de bruços, de coco para a nuca e sobretudo, era esta coisa mágica e inefável:—”Sou uma vítima do Amor, tenho romance!” E com a cara a arder, era um herói.

Já quase madrugada, adormeceu. Acordou-o o sol vindo até ele, e ia voltar-se contra a luz covardemente, para se escoar no sono, para esquecer, quando ouviu passos da mãe que vinha entrando.

Embrulhou-se nos cobertores num gesto brusco, para que ela o não visse por despir; encolheu-se na roupa o mais que pôde, mas ainda assim ficou com os pés de fora, com as botas de elástico enlameadas e o coco amolgado em travesseira.

A mãe entrou no quarto devagar, foi abrir as janelas de mansinho, supondo-o a dormir, bem sossegado. Quando o viu vestido sobre a cama, com uma palidez desfeita e olheiras fundas, correu para ele, pôs-lhe a mão na testa, e perguntou branca de susto, a tremer toda:

—Que tens tu, meu filho? Estás doente? Porque dormiste assim todo vestido?!...

O Veiga olhou-a lorpa, emburrecido. Não soube que dizer, não quis contar-lhe; e como se a morte da ilusão o acanalhasse, como se viesse de nascer nele um outro ser, de segura e vaidade, um reles cínico, levantou-se da cama, espreguiçou-se, e sem olhar a mãe, sem a beijar, foi eructando estas mentiras torpes, surpreendido ele mesmo de as ouvir, travando relações com um novo Veiga:

—Que quer?... Nem eu sei já como isto foi. Uma noitada... mulheres... foi um pagode. Carreguei-lhe no vinho. Ora aí tem...

Meteu as mãos nos bolsos do colete, e de pernas abertas, bamboleando-se, vomitou aos puxões o seu programa:

—Isto vai mudar muito de figura. Estou farto de ser burro, vou mudar. De ora avante é outra coisa, é outra vida... Previno-a já. Não tem mais que estranhar...

E apontava-lhe a porta:

—O almoço está pronto? Vamos a isso já. Não quero esperar.

Quase nem gaguejava, o imbecil. Sem as asas-muletas da ilusão, que erguiam este orango a céus de sonho, ele ficava um tiranete bufo, com um rancor covarde de falhado, a farejar na sua raiva de impotente, uma vítima, alguém para expiar. Pasmada, a pobre criatura saiu limpando ao avental os olhos. E começou nessa hora o seu martírio.

Nova fase do Veiga.

Iniciou-se então no botequim e com o olhar envernizado de genebra, ouvindo as *mayonaises* de ópera que um sexteto melodramático lhe servia, ia pagando bebidas aos amigos...

Foi um ex-colega, que se alcançara havia meses, para fundar um semanário clandestino, que o apresentou aos rapazes do cavaco. Depois, extorquindo-lhe os cobsres da bebida, empreenderam também o apostolado.

—E o nosso amigo tem... a idéia?

O Veiga não a tinha. Forneceram-lha copiosamente, em noites de catequese desvairante. Era agora um iniciado o meu idiota. As necedades que os outros lhe gosmavam, como uma bíblia obscena de revolta, acolhia-as o Veiga com fervor: o caixeiro agora era o burguês, e o seu ídolo loiro o preconceito!

Perdia as noites num delírio gago, a proclamar no botequim o amor livre. Faltava ao cartório muitas vezes. Inconscientemente, como rezava com devoção até há pouco, absorvia brochuras anarquistas, e tinha à cabeceira, como uma espécie de *Flossanctorum* laico, um hagiológico patético, ilustrado, com um Ravachol de auréola, hiper-cristo, e os mártires de Chicago nimbados.

Recolhia de madrugada ou noite morta. Nem já tinha horas certas de comer. Alimentava-se de pastéis e álcool. Só ia a casa para insultar a mãe e para dormir.

Mal lhe dava dinheiro para comer. A pobre criatura envelhecia anos cada dia. Por fim já nem falava: tinha por ele uma espécie de terror. Ouvia-o arengar coisas tremendas: a revindita social a dinamite, o “ódio ao burguês”, trapos de frases feitas que ele moía e remoia muitas vezes, numa espécie de automatismo cerebral.

—Porque, fique-o sabeado, Deus é o crime... o crime, sim senhor, digo-lho eu... Hei de dar que falar. Verá, verá...

—Não hei de ver, meu filho, que eu não tardo... Deus há de me levar. É grande esmola...

E lá ia a chorar muito baixinho.

Com as noites de álcool e vadiagem, numa exaltação agudíssima e imbecil, a loucura do Veiga emparedou-o.

Não podia dormir o meu fantoche. E depois das palestras de café, em que os outros disparavam burramente trechos de artigos de fundo e anedotas, vagueava monologando, em fala-só, repetindo na excitação da bebedeira as escórias que mais o impressionaram, e o que era pior, sugestionando-se, desdobrando-se num Veiga que ameaçava, e noutro que o terror lambia todo.

A Sociedade, a Religião, o Estado, eram os inimigos do meu títere.

Ao recolher a casa, noite morta, tomava precauções, dava mais voltas, e era em suores de angústia, em calafrios, que dobrava, na névoa, cada esquina.

Andavam a preparar-lhe uma cilada... Quase tinha terror do novo ser que se instalara nele, inquietante, atulhado de fluído de revolta, como uma garrafa de Leyde subversiva.

Certo, ele não fizera nada, era um pobre diabo inofensivo, mas vivia agora o outro dentro dele, como uma mina de dinamite, subterrânea, que a Ordem poderia farejar... E entrou a ter medo da polícia.

Ao recolher, logo que via um guarda, nem sequer dissimulava o seu terror, rodava nos calcanhares, voltava logo, de uma forma tão flagrante e tão grotesca, que se fazia notar ao mais boçal.

Às vezes esperava o sol, porque de dia não lhes tinha medo, e era na luz lial da madrugada que se esgueirava para casa, rente às portas.

Uma noite em que bebera mais, desengonçou-se em tão cômicos trejeitos ante o primeiro guarda que avistou, que o santo homem resolveu deitar-lhe a luva, e regenerá-lo com parasitas no Aljube.

Lá passou o resto da noite, sem falar, meio sonâmbulo de medo e de genebra, e a única impressão nítida que teve, foi a de ouvir, pouco antes de o soltarem, um fado soluçado como nunca, por um gatuno que dormira ao lado dele:

*Já que eu te não dou o pão,
dá-te nua a quem to der;
mas guarda-me o coração,
a alma que ninguém quer.*

Foi por este tempo, que ele fez parte do grupo dramático Luz e Esperança. Gago e solene, estava a calhar para conde e para pai nobre.

Teve triunfos colossais nos arredores. Declamava às noites pelas ruas, corrigia nos espelhos das vitrines a expressão dramática da tromba, e muita vez contracenou com os candeeiros, à hora espectral dos varredores... Fazia, é claro, teatro de combate, peças de intuitos sociais, dramas de tese, e como todos os colegas lá na trupe, considerava-se um ator-apóstolo. Recolhia cada vez mais tarde, trespassado de frio e de patético.

Uma manhã, chegando ao patamar, procurava a chave pelos bolsos, quando viu um vulto enrodilhado contra a porta. Estacou, varado de terror. O seu primeiro movimento foi de fuga. Quem seria?!... A mãe não,—dormia àquela hora. Mas, olhando melhor, viu que era ela... Estremeceu. Meu Deus! Estaria morta?... Não, não: adormecera ali. Para quê?... Não podia perceber.

—Deu-lhe talvez alguma coisa... Coitadinha!

Sacudiu-a de manso, despertou-a. Pela primeira vez há muito tempo, teve um gesto de filho, de piedade: ajudou-a com ternura a levantar-se. A pobre criatura erguia uma cara de espanto, de terror. Vê-lo outra vez meigo para ela como dantes, inquietava-a mais que ouvir-lhe insultos. E ali no patamar, sem gestos, fitaram-se, como dois náufragos, segundos. Não se viam já há muitos dias...

A expressão da cara dela ia mudando à medida que o fitava:—era o seu filho! Aquele rapaz cheio de rugas como um velho, com um tremor nas mãos, no corpo todo, aquele pobrezinho—era o seu filho!...

Sempre a olhá-lo, ergueu as mãos que tanto o abençoaram; a sua máscara desfeita iluminou-se, tanto a piedade ardia dentro dela; e com uma voz de misericórdia e de carícia, pôde ainda dizer-lhe:

—Ó meu filhinho!...

E caiu-lhe, toda em lágrimas, no peito. Entraram abraçados pelo quarto. Lá estava a cama aberta, a dobra feita—como uma carícia dela a recebê-lo... Através das frinças das portadas, a manhã estava a sorrir no travesseiro...

Então na alma deste trapo humano o remorso dobrou como um mau sino, fazendo-lhe ver quanto de bom era possível: a vida antiga com a mãe, a vida calma... Sentia bem que fora torpe para ela; viu-a com a cova ao lado para tragá-la; e numa lufada de desespero ajoelhou com lágrimas rolando quatro a quatro; gaguejou como uma criança a quem bateram:

—Ó mãezinha... ó minha mãe... perdão

Ficou assim alguns instantes; levantou-se. Ainda outra vez fitaram-se nos olhos—como se um deles acabasse de chegar, com uma sacola de dor, de muito longe... E agora, entre lágrimas, sorriam. Ele pôs-se a dizer-lhe muito baixo:

—Juro por Deus, minha mãe, juro por si, que ainda a hei de fazer muito feliz... Hei de pagar-lhe com amor, com muito amor, os meses de martírio que lhe dei. Verá, verá. Vou ser outra vez o seu filho, vou ser outro...

—Sim, sim, meu filho, tu és bom. Deus trouxe-te outra vez. Pedi-lho muito. Eram as más companhias... os malvados... Por pouco te matavam, meu filhinho. Matavam-nos a ambos, Manoel. A tua mãe já não podia mais. E tu... e tu... estás tão magrinho!...

—Hoje começa vida nova. Não se aflija. Hei de ser forte outra vez, vou trabalhar...

Interrompeu-se de repente, como se uma idéia de terror viesse gelá-lo. A mãe, sem compreender, continuava:

—Trabalhar... ora aí está, é o que é preciso. Foi por isso que te esperei deitada à porta, com medo que entrasses e saíesses sem te eu ver—como nos últimos dias sucedera... E eu, pobre de mim, que tinha medo, não sabia como to havia de dizer!... E afinal tu mesmo o reconheces. Louvado Deus! Tudo é pelo melhor. Ora vê tu—mas que cabeça a minha!—pus-me para aqui a falar e nem to disse... Esta tarde, o senhor Sousa esteve cá...

—Quem?

—O snr. Sousa escrivão... ele... o teu chefe.

—Ah! disse o Veiga e pôs-se cor de cal.

A mãe, sem reparar, dizia sempre:

—Devo-lhe muito, é muito nosso amigo. Que outro no seu lugar—tu bem o sabes—tinha-te posto fora do emprego. Mas ele não. Só quer que tu te emendes. Diz que te espera hoje sem falta, às dez em ponto. Verás, Manoel, tudo se arranja bem...

Ele olhava-a com os beiços a tremer:

—Estás contente com isto? Ahn! Manoel?...

—Não, minha mãe, não volto ao tribunal. Não posso mais... não posso mais lá ir...

—Ora essa, meu filho, tu que dizes?!...

—Não, minha mãe, não posso mais lá ir...

Por mais que perguntasse, que insistisse, sempre a mesma resposta em voz sumida, como a última decisão de um agonizante:

—Não posso... não posso... É-me impossível

E de repente, chegando-se para ela como um petiz com terror, pôs-se a dizer baixinho:

—Quem sabe se não é uma cilada... O Sousa quiere-me lá para me prender... Sabe que sou um anarquista... quiere vingar-se...

Continuou neste tom ainda algum tempo. Ouvindo-o sem poder interrompê-lo, com o coração a desfazer-lhe o peito, a mãe era forçada a perceber que aquele desgraçado que ali tinha, guardado nos seus braços outra vez, precisava mais de si que em pequenino, porque Deus lhe tirara o entendimento.

Quando ele lhe contava as suas noites, como na rua a polícia o perseguia, o que havia na névoa, a certas horas,—interrompeu-se bruscamente e ainda mais baixo, transido de pavor, colado a ela, pediu-lhe que fosse ver ao patamar... tinha ouvido passos... era alguém... Para o tranquilizar, ela fechou a porta à chave, com os olhos rasos, a conter-se, e pôs-se então a ver se o adormecia.

—O que precisas, Manoel, é de dormir, tens mesmo os teus olhos a fechar-se...

Ele não queria dormir. Era impossível. Podia vir o Sousa... alguém prendê-lo... Só se ela ficasse ao lado, de vigia.

—Eu fico, eu fico ao pé de ti. Sossega. Despiu-o então como em pequeno. Tirava-lhe a roupa devagar, ia-o beijando com meiguice, em despedida: e deitou-o por fim sem resistência, como se fosse uma criança sonolenta. Aconchegou-lhe o cobertor bem contra os ombros—tão magrinho, Senhor, um esqueleto!—e à beira da cama, de joelhos, sentindo-o adormecer, ia dizendo:

—Dorme, meu filho. Dorme... dorme... dorme...

Quando o sentiu adormecido, ergueu-se.

—E agora?!... perguntou no quarto escuro. O filho doido... a morte em torno dela... e ninguém, ninguém que lhe valesse...

Lá fora a manhã subia, com pregões. Mas neste quarto, para a pobre velha, o silêncio era doloroso como um uivo.

Meses depois, encontrei-o uma manhã em Nevogilde, sob um grande castanheiro a desfolhar-se.

Intrigou-me ver o Veiga em pleno campo, saturando-se de outono e solidão. Que podia fazer ali aquele idiota?

Mas quando me aproximei e o vi de perto, espantou-me a mudança que fizera. Era outro: era um pedinte louco, de olhos meigos...

Parei a olhá-lo. Ele cumprimentou-me com maneiras untuosas de prelado... E ficou a sorrir, chapéu na mão, como à espera de que eu fosse falar-lhe.

—Linda manhã, senhor Veiga, não é verdade?

—Diz Vossa Excelência muito bem... Está linda.

—Então mora por aqui—por Nevogilde?

—Não, senhor... Eu não tenho casa. Gosto disto... aqui. Ha campo e mar...

—Não tem casa!... Desculpe esta pergunta: e onde dorme o senhor?...

Esteve um pedaço a fitar-me, olhos em olhos. Depois—em confidência misteriosa:

—A Vossa Excelência sempre o digo. Eu nunca durmo...

—Ahn?!...

—Eu nunca durmo. Não tenho tempo para dormir. Quero viver! viver!... Não posso perder nem uma manhã nem uma noite. A gente sabe lá quando tem de deixar isto... Sabe-o Deus! Eu já perdi muito. Tenho remorsos. Quando penso nisso... tenho remorsos... Quando eu era empregado, passava dias inteiros sem olhar para o céu. Só via gente e ruas... E as noites... também as perdia. Ia para os teatros, para os cafés. Foi só depois—quando morreu a minha mãe—que eu

compreendi que ia mal... e resolvi viver. Passei dias de desespero, a pensar que não gostei dela como devia... que a não acarinhei... que a deixei ficar sozinha muitas vezes... lá dando comigo em doido. Depois lembrei-me—que o que me sucedeu com a minha mãe me podia suceder com a vida toda. E mudei de rumo... Deixei o emprego. Fiquei assim... pus-me a viver. Agora, se adormeço num banco uma hora ou duas, zango-me comigo...

Por muito tempo, em palavras de gago, bipartidas, sussurrou as razões da sua vida, a sua exegese moral de vagabundo, a sua felicidade e... os seus recursos.

Tinha amigos, pessoas que o conheceram noutro tempo, antes de ele saber o que era a vida... E quando precisava de dinheiro (ele afinal de pouco precisava: nutria-se de frutos e de pão) era muito raro recusarem-lho: só se de todo em todo não podiam.

Notou que eu lhe fixava a andaina rota e sorriu com meiguice desdenhosa:

—Ando assim... todo roto. Que me importa! E podia andar bem... isso podia. Muitas pessoas me tem dado roupa. Até fatos inteiros... e em bom uso. Pode V. Ex.^a acreditar. Mas às vezes, de noite, pelas ruas, vêem ter comigo às escondidas da polícia, desgraçados com fome... todos rotos... E por boas maneiras ou à força, tenho de trocar a minha roupa pela deles...

—Imaginam, coitados, que me roubam... Que pode isso fazer-me!... Que me importa!...

Teve uma expressão de piedade em toda a máscara, e gaguejou com outra voz, comovidíssimo:

—Tenho tanta pena deles... tanta... tanta... de todos os que foram como eu... No fundo... é mais triste que a fome e que a miséria... ver como andam na vida sem viver... V. Ex.^a perdoe o que eu lhe digo...

Assim, nessa manhã de outono, eu conheci um outro Veiga—o que me interessa.

Perguntei-lhe, almofadando a oferta, se precisava algum dinheiro. Recusou. Tinha já almoçado há algumas horas... Mas como eu insistia, tirou do bolso uma mão cheia de migalhas, e mostrou-mas como um último argumento:

—Ficou-me ainda isto... para os pardais...

Depois, com um gesto lento, precioso, em que as taras do amador dramático automaticamente se traíam, tirou do outro bolso muitas pétalas, e ofereceu-me algumas:

—Faz... favor. São de uma roseira que o vento desfolhou...

Ficou curvado a aspirá-las uns segundos:

—Certas manhãs de outono... os perfumes dão vontade de chorar...

Datam daqui as nossas relações. Cultivo nele com estima, com ternura, o único panteísta que eu conheço. E tal qual o vêem pelas ruas, este pobre mendigo alienado anda “bêbedo de Deus”, como Spinoza.

Encontrei-o ontem à noite: conversamos. E as poucas palavras que me disse, cravaram garra em mim: não as esqueço. Ele anda agora esquelético, a cair: o seu boemianismo panteísta tomou uma forma aguda, convulsiva: é uma espécie de delírio ambulatório.

Como eu aludia ao seu cansaço, pedindo-lhe que não andasse dia e noite nessa lufa em que agora o via sempre, ele, que era mais meigo de que um cão, deitou-me bruscamente as mãos aos braços, e com uma indizível voz de raiva e súplica:

—Por o amor de Deus... não diga isso! Olhe que eu não duro muito. Eu sei... eu sei... E tenho fome... fome de adorar... Eu quero como a um filho, à terra toda...

E falou-me das árvores, do mar.

Disse-me que queria acompanhar a Noite, sem perder um segundo, um só segundo, caminhando com ela, caminhando;—e logo, logo ao despedir-se dela, abrir bem os seus olhos, bem abertos, ao primeiro raiar da madrugada... E seguir depois o sol até à morte, ele e a sua sombra que era triste—como se fosse já uma saudade...

Era num jardim público, deserto. Caíam dos plátanos folhas secas... Ele baixou-se, apanhou algumas com cuidado, como se fossem borboletas estonteadas...

—Veja V. Ex.^a veja... Como estão encarquilhadas... tão sequinhas! A minha hora chegou como a hora delas...

E como o vento as fazia redemoinhar, estremeceu e disse bruscamente:

—Passe Vossa Excelência muito bem... Queira perdoar... Não posso perder tempo...

E o amante da terra o meu pedinte; não tem tempo para amar, por isso sofre; sente que ela lhe foge a cada instante, e não quer adormecer para sentir sempre, contra o seu corpo de fantoche mártir, com sobrecasacas doutros, fraques doutros, por cujos rasgões entra o sol ao luzir dalva, até que a noite por sua vez se engolfe neles, correndo-lhe a carne de miséria, sensitiva, e amando-o sem nojo horas e horas...

A Morte, quando vier, vai comover-se, ouvindo-lhe na gaguez frêmitos de asas, vendo-lhe abrir os braços de esqueleto como para agasalhar a vida toda, e oferecer-lhe nas mãos roxas e ósseas—pétalas murchas e folhagens secas...

Não pode durar muito: é impossível.

Mas nas pedras da rua onde morrer, terá em torno dele a despedir-se, o Mar, as Árvores, a Aurora, toda a vida da terra—sua amante...

Apercebia com uma acuidade visionária a orquestração da noite, dita em surdina nas janelas, nas folhagens, e decompunha essa penumbra de ruídos, complexíssima, a que chamamos vulgarmente as “horas mortas”.

Quase madrugada, em Dezembro, recolhia eu estugando o passo, porque fazia uma névoa frigidíssima, quando o cruzei numa ruela íngreme. Levei a mão ao chapéu e fui andando, mas instantes depois ele atracou-me, a tiritar de frio, soleníssimo, o coco erguido e o busto em reverência. Era ainda polidez, diplomacia:

—Desculpe V. Ex.^a Teve agora a bondade de saudar-me e eu não pude corresponder... Só depois me voltei e o conheci. É que eu ia distraído, a trautear...

—Nada mais natural, senhor Veiga, nada mais natural...

E para o não despedir com brusqueria, fiz-lhe ainda esta pergunta estúpida:

—E que trauteava o senhor com este frio?

Fixou-me. Depois com um gesto curvo, muito vago:

—Isto... o silêncio... a névoa...

Sem flauta rústica, pobre fauno de quico e butes rotos, o Veiga não imitava, como colegas seus de longes tempos, quando a Terra era ainda uma criança, o rumor claro das levadas rindo espuma, mas apenas o esgarçar dolorosíssimo de

uma névoa mendiga de dezembro, que o vento ia rasgando aos empuxões, nos beirais dos telhados, nas esquinas, esquecida talvez de que foi mar ou o choro das nuvens vagabundas...

E lá foi sob a grisalha a desfazer-se, ouvindo música inédita para todos, esse mísero fauno arrepiado que eu vi uma só vez com uma ninfa...

Foi à beira do rio, em Massarelos. Como era tarde e não havia elétrico, eu ia a pé para a Foz, na noite calma.

No cais, sentado em toros de pinheiro,—madeira para embarque, certamente— havia um par em idílio, muito unido, onde fui descobrir com grande espanto, a silhueta cômica do Veiga.

Por trás, junto a uma faia sonolenta, detive-me um instante a escutar. Era o Veiga que falava à criatura, na sua voz gaguejada e um pouco enfática, em que eu sentia o ex-amador dramático sob uma névoa de lágrimas molhando-a:

—Não se aflija. Eu tenho relações. Há de tornar a entrar na fábrica, descanse. De que serve chorar?... Torna a entrar, torna a entrar, digo-lho eu.

E uma voz de timbre fino, adolescente, respondia num choro sem esperança:

—Não me querem lá mais. Que hei de eu fazer?...

—Qual não querem! Olha a grande coisa! Mas porque foi que andaram à pancada?

A outra voz choramingava, aos haustos:

—Eu andava na descarga do carvão... Nunca chegávamos à barca ao mesmo tempo. Quando eu trazia o cesto carregado, voltava ela sempre de o largar... e dava-me encontrões e más palavras. Eu calava-me, mas já não podia mais. Tudo isto, já se vê, por causa dum rapaz que é da Afurada e anda a passar o povo para outra banda. Hoje deu-me um encontrão com tanta força, que me voltou o cesto na cabeça e chamou-me... ainda por cima. Foi então que me atirei a ela como cega—que até lhe cuspi de raiva no cabelo... Depois o inspetor veio e pôs-me fora. E agora... agora...

Desatou a chorar de encontro ao Veiga. Corria um leste morno de carícia, e ele passando-lhe as mãos magras na cabeça, gaguejava consolações, mui comovido:

—Não chore, não chore, torna a entrar. E há de voltar para casa ainda esta noite... Eu mesmo vou acompanhá-la... Não tenho nada que fazer. Não me faz

monta... Eu falo à sua mãe, conto-lhe tudo. Já ela lhe não bate... então... não vê? Depois volta para a fábrica, verá. Eu tenho relações, trato-lhe disso. Amanhã pela manhã...

Não ouvi mais. Nem um sopro de desejo nessa arenga: apenas o amor por um ser vivo, a ânsia de o erguer que ele teria, vendo um caule partido num caminho ou uma rosa ao abandono, a desfolhar-se.

É que os nervos do Veiga, como os de certos artistas que tem gênio, vibravam de amor igual por toda a Vida, e sentiam nas rosas e na névoa, nas crianças e nos pobres e nas almas, a mesma ânsia inconsciente de Unidade, o mesmo erguer de mãos para a Beleza.

Vi-o depois na Cordoaria uma manhã de inverno, sob o tufo cismático dos cedros, grisalhos de névoa e de geadas.

Debatia-se com grandes gestos aflitos, entre um grupo de garotos que gritavam. Trazia um *frak* imenso, parecendo ter sido acastanhado, coco preto que a grenha intonsa levantava, e na cara *chorinca* e acriançada, davam-lhe os olhos rasos, mais que nunca, um ar de melodrama pífilo, um cômico angustioso de careta.

Não me sentiu aproximar. Ouvi-lhe a arenga gaguejada: compreendi.

Um dos garotos apanhara, fisgando-o à pedra, um pobre pássaro que outro tinha nas mãos agonizante. O Veiga que passeava, interviera, e entre insultos e risadas, reclamava com palavras patéticas, o pássaro—para que o não matassem.

—Se o quer, dê-me um vintém por ele, dizia brusco um dos pequenos.

—Quem?! Olha o peneira! gritava outro às gargalhadas.

Dei o vintém, mandei que lho entregassem.

Foi ao ouvir-me a voz que se voltou. Riam-lhe as lágrimas nos olhos. Tirou-me o coco, curvado em reverência. Depois, como o garoto lhe entregava o passarito, recebeu-o com carícia no côncavo das mãos arroxeadas, e hirto, solene, sacerdotal, veio entregar-mo, erguendo muito os braços, como se levasse uma *píxide sacrosanta*.

—É... é de Vossa Excelência... Muito... muito obrigado...

E sem que eu tivesse tempo para fugir-lhe, beijou-me as mãos e deu-me ensanguentado.

Encontrei-o muitas vezes de passagem: de manhã, de noite, a toda a hora.

Às vezes, esquecia-se a olhar muros de quinta, quando caem braçadas de glicínias, e era destes para quem o musgo numa pedra é um afago de veludo que comove.

Uma noite, vi-o sair com um embrulho de um bazar. Vinha radiante. Viu-me, fletiu em parábola numa vênia, e foi andando.

Cruzei-o horas depois ao vir do teatro. Seguiu-me. Vi que queria falar-me e esperei-o numa esquina, a acender um cigarro. Abordou-me com o cerimonial de mandarim que ele usa sempre. Supus que ia pedir dinheiro. Mas não: era outra coisa.

—V. Ex.^a desculpe... Está frio e eu venho demorá-lo. Vem decerto do S. João... é só um instante. É que eu devo uma satisfação a V. Ex.^a. Viu-me hoje sair do Bazar dos três vinténs, não é verdade? Decerto imaginou que eu fui lá comprar para mim alguma coisa... Não fui: quero contar-lhe...

—Ó senhor Veiga, que idéia! Nem pensei nisso.

—V. Ex.^a consente? Eu vou dizer. Fui lá comprar uma boneca para a Mariinha... Perdão. V. Ex.^a não sabe quem ela é. É a filhita duma pobre que eu conheço... Tem cinco anos... É um amor de pequenina. Sou muito amigo dela. Até me chama padrinho... A mãe ensinou-lhe. Já V. Ex.^a vê... Era para ela...

—Não era preciso dizer, eu nem notei...

—Era o meu dever. Pela consideração que V. Ex.^a me merece. Queira V. Ex.^a perdoar. Não o importuno mais. Está fria... está muito fria a noite!

Ainda uma reverência e lá partiu.

Estranho Veiga! Como se desentranhou este ser de hoje, do grotesco banal que eu conheci?

Como desse reles títere, amoroso sovado, trapo humano, ex-amador dramático e ex-poetastro, saiu o panteísta vagabundo, o louco duma misericórdia tão sentida, que eu vi salvar com os olhos rasos um pobre passarito moribundo?...

A pobre velha, morrendo, iniciou-o. Nasceu da sua dor segunda vez...

Uma manhã, em Carreiros, junto à praia, depois das cortesias do costume, pediu-me uns cobres para ir almoçar. E quando eu ia já a despedir-me, reteve-me com um gesto, e gaguejou esta oferta, muito lento:

—Peço licença... para uma pequena lembrança a V. Ex.^a Mas antes prometa-me que a aceita... É uma insignificância, mas cuido que V. Ex.^a a estimará...

Prometi.

Enfiou solene a mão ossuda no bolso da sobrecasaca coçadíssima, que vestia sem camisa, contra a pele, e tirou com infinitas precauções, um anterídio ainda úmido, perfeito.

—Como sei que V. Ex.^a gosta do mar, pensei em dar-lha. É uma estrela do mar... Perdoe o atrevimento...

E partiu quando eu lha agradei, com os olhos loucos rasos de alegria.

Nunca, porém, me feriu tão fundamente o seu amor de louco à Natureza, como nessa madrugada em que eu o vi numa rua afastada de arrabalde.

Fazia já um calor asfixiante. Estava em cabelo junto a um muro de quintal, revestido de rosas de toucar, madres-silva em flor e clematites.

Todo em gestos litúrgicos, mui lentos, punha rosas a abrir na grenha imunda, perfumava as mãos com madres-silva, e passava-as nas fontes, extasiado.

De quando em quando descaía os braços, descansava assim alguns instantes, e na cara sugada, pele e osso, os olhos puros riam, muito calmos, numa beatitude transcendente.

Havia já um grupo em torno dele, de leiteiras que vinham para a cidade, de moços de lavoura que estacavam. Olhavam-no a rir perdidamente.

Eu pensava em Ofélia, no Rei Lear, nas loucuras patéticas de Shakespeare, ao ver esse alienado vagabundo, esse estranho pedinte de olhos meigos, que trazia só pétalas nos bolsos, e em plena luz polínica de estio, oficiava a Pan, de butes rotos, aspirando perfumes volutuado...

SUZE

A Paulo Osório

*Oh! dolce,
della soglia del lupanare
mirar le vergini stelle!
—La meretrice di Pirgo*

GABRIELE D'ANUNZIO.

Não posso dormir. Como há mais de oito dias não recebi carta da Suze, e a minha absurda vaidade se recusa a crer que ela me esqueça, ponho-me a pensar, com uma perversidade triste, que tenho escrito loucuras a um cadáver.

Na última contava ela com uma coragem simples, como o mais fútil incidente, que ia entrar para o hospital para ser operada. Anunciava-me isto, entre um projeto de vestido *gris-taupe*, que iria bem à sua tinta de viciosa pálida, e uma chuva de detalhes sobre a gata, a amar com romance e com luxúria um gato magro do terceiro andar.

Se tivesse sido operada e convalescesse, já decerto me teria mandado um telegrama.

É pois forçoso convencer-me que a minha pobre Suze—”era uma vez”...

Repito alto para mim mesmo: está morta, está morta a Suze! Logo que o disse alto, todo o meu temperamento de ator o acreditou, e em todo o meu ser, essa auto-sugestão ressoou em dobres, agudamente, por essa rapariga de vinte e três anos com quem vivi dois meses.

A morta (é certo, é positivo que morreu) era alta e magra.

Aqui mesmo, no meu quarto, onde certa noite ela tomou chá entre os meus livros, a vejo atirar o chapéu de rendas caras, em que havia heráldicas tulipas, acender com um gesto fino um dos Laferme, correr a mão na testa com o gesto da Duse nas catástrofes supremas, e dar-me fumo e destino e sonho. Aqui mesmo.

Naquele espelho prolongou com um traço de *crayon* os olhos vagos, ali palpou as molas do divã, e no *toilette* atou horas depois, *im memoriam*, as fitas de seda azul que lhe prendiam a camisa nas espáduas...

(Mas assim, não consigo dizer o que ela foi. Preciso acalmar a minha febre e começar pelo começo).

Vi-a a primeira vez este verão, no teatro, e logo a destaquei.

Os seus cabelos de criança escandinava, loiro cendrado e seda palha em que havia reflexos quase brancos, tufavam na testa sob o chapéu preto, descaíam à esquerda, subiam à direita recortando a têmpora em ogiva; inverossímeis como raios de um sol de vício, químicos, absurdos... Só depois me convenci que eram autênticos.

Os olhos eram claros, cinzento de água em névoa; a máscara alongava-se num focinhito sonâmbulo; nariz incorreto, quase grosseiro; boca grande, acolhedora, de comissuras em pontos de interrogação; e o mento perdia-se na nuvem de tule de um laço, esparso na gola impecável de um costume tailleur azul.

Tinha muito da Sarah em nova: a cabeça de uma madona quatrocentos em que vivesse a alma de Montmartre.

Acompanhava-a outra que mal vi, fisgado pelo estranho do seu tipo. Toda a noite, ferozmente, a encarcerei no meu binóculo e ela, exibindo atitudes de indiferença numa galeria intérmina, nem sequer teve o ar de ver-me.

Aborrecia-se com complacência, olhando sem fitar, cumprindo com resignação esse destino de, sobre uma platéia do Porto, num barracão de Folies-Brégeiras, esfolhar a carícia exangue e lambedora das suas mãos de raça.

No meu grupo faziam-se hipóteses. *Cocotte*? Cançonetista? Talvez seja essa que se estréia amanhã.

Todos a achavam imensamente estranha e alguma coisa feia.

Quando à saída ela passou, compondo um ar abstrato e um passo ondeante de serpente-fantasma, excitado e burro, disse não sei que frase escória e ouvi numa voz de seda que range, esta coisa justa: *imbécile!*

Deixei de ir ao teatro. Achei a vida toda tão imbecil como eu.

Até que uma manhã Just irrompe no meu quarto e preludia felicíssimo: “Foste um doido em não aparecer”. Contou então: o empresário F. apresentara-o, e como eram duas e eu continuava incógnito, apresentou por sua vez o conde C., que ao menos não se arranjava mal.—”A tua, a do conde, chama-se Suzane. A outra, a minha, é Gaby d'Anjou, é perfeita. Não sei se reparaste: um corpo grego. Ha uns poucos de dias que isto nem parece o Porto—”.

E partiu num turbilhão de chance, dizendo apenas quase à porta, que a Suzane era finíssima, e se tolerava o conde é porque não via melhor, e porque enfim, o Amieiro o não vestia mal.

Como mesmo escrevendo, estou morto por chegar ao quarto dela, direi já que almoçamos a sós dias depois, e nem sei mesmo se comi, porque estendia as mãos em concha aos seus pés magros, para os sentir crisar-se com luxúria ao ranger da seda em folha seca...

Foi rápido e simples. O meu amigo apresentou-me: o conde é lorpa, eu sou fino, ela é fina e... *voilà!*

Aqui começa a feitiçaria, o encantamento em que essa serpentina bruxa me colheu, polarizando o meu desejo para o seu corpo elástico e felino, como se as suas mãos de pianista me corressem na medula, e os seus olhos de névoa me perdessem em hipnose.

De corpo e espírito era flexível como uma chama ao vento.

Horas e horas, com febre, com riso, com desespero, vasculho na memória, recomponho o complexo encanto dessa rapariga que sabia de cor toda a Comédia Humana; tinha um vício pessoal, erudito, arqui-subtil; cinicamente ingênua, ingenuamente cínica; amoral e heróica, e que caminhava para o seu leito de *cocotte* com o ar redolente de Desdêmona na canção do salgueiro...

Oh! A sua canção do salgueiro, musica e versos de Bruant, como eu a trauteio ainda exasperado:

*Les ch' veux frisés,
Les seins blasés,
Les reins brisés,
Les pieds usés.*

*Pierreuses,
Trotteuses,
Às marchent l'soir
Quand il fait noir
Sur le trottoir.*

Os cabelos impossíveis, abusivos, excessivos, caíam-lhe nos ombros; a *robe empire* era ampla e branca, as mangas vibravam em asas de serafim profissional... Era uma aparição de lenda rociada de água Lubin—orvalho caro...

Quando depois mais de perto a detalhei, achei-lhe um não sei quê de transido, de parado, espécie de *kakemono*, espécie de bebê enorme, enigmático, aflitivo, como só um caricaturista-poeta criaria, num instante de emoção e febre, de quimera e riso. Pobre Suze!

Era pálida, pálida, no seu roupão de noite, sem as rosas do *maquillage* que ela tão sutilmente esmaecia. Pobre Suze!

Nenhum pintor português, desde o Grão Vasco, viu para além do real como tu viste, nem como tu transfigurou uma máscara de gesso, patinada a lua, numa obra-prima irradiante.

Tu que eu agora vejo como um mármore de desgraça, arrepiado, vestido à toa, sem *maillot* de seda, sobre uma mesa misérrima de morgue; tu que tens já talvez no ventre aberto o esverdear levíssimo com que a Morte agora te maquilha; tu que depois de tanto te venderes, cada vez eras mais tu e mais perfeita,— ninguém irá junto do teu cadáver pôr-te o colar da Ordem do Desprezo que na vida te deu beleza e estilo.

Foste um gênio incompreendido, Suze. É o único ponto de contato que tiveste com dezenas de idiotas que eu admiro.

Mas não é isto o que me aflige, pois sei bem que se da Morte me ouvisses e se da Morte me falasses, mais uma vez me dirias a tua grande frase, a frase-medalhão, a frase-refrém, que tão sinteticamente define a tua graça, o teu gênio, o teu vício, o teu desdém:

—*Tu sais, ça, c'est un détail.*

Para Suze, tudo na vida era um detalhe.

Ela que se deu a saborear a tantos homens, duvido bem que conhecesse um ensaísta, espírito de síntese, à Carlyle, que enquanto eu nesta noite de insônia a recomponho, com uma saudade sem esperança, friamente medite um grosso tomo, que deveria assim chamar-se:—A Filosofia de Suze (livro póstumo).

E em sub-título, dum *chic* transcendente:—ensaio sobre a supra-mulher. Dir-se-ia no futuro:—isso é um detalhe, como outrora se disse:—penso, logo existo, como hoje se diz:—o homem é uma ponte para os sobre-humano.

Se Eça de Queiroz fosse ainda vivo, eu que nunca o conheci, havia de apresentar-lhe a Suze, e juro, juro, que a acharia bem mais subtil, bem mais complexa e humanamente fascinante, que o seu extraordinário figurino—Carlos Fradique, *dandy* e epistológrafo.

Fialho, mais feliz, pôde falar-lhe; viu-lhe gestos que valiam máximas, e ouviu-lhe memórias e anedotas bem mais significativas que parábolas. Mas por mais que insistentemente lho pedisse, nunca escreveu sobre ela: recusou-se.

Não posso eu, como quem empalha uma asa, amortilhar o gênio da Suze em frases sabias, articular-lhe em sistema as formas típicas, erguer enfim essa arquitetura metafísica, que ficaria na névoa das idades, como um farol para sempre...

Não, não posso. Sinto ainda correr-me o corpo todo, em ondas lentas, o afago dos seus cabelos, dos seus dedos, que eram vivos, enervantes como línguas...

E não é assim, a arder em desejo póstumo, que eu posso lançá-la à posteridade... De resto, Suze, que era para ti a posteridade? Um detalhe, um detalhe apenas...

Mas quero afirmar que nessa frase—que nem sequer para muitos que a beijaram, foi mais que uma ironia sem estilo—se condensa o estoicismo, o galbo heróico, que fez desta parisiense tão estranha na sua vida de *cocotte* nobilíssima, uma neta espiritual de Marco Aurélio.

Foi nobre e foi *cocotte*. Não estranhem.

Viver, para uma mulher, na sociedade de hoje, é quase sempre prostituir-se. Mesmo as que casam, e que casando amavam os maridos, quantas vezes não sofrem sem desejo, um cio incontinente, numa humilhação de prostitutas, até que toda a emoção se lhes estanque e o hábito lhes embote o corpo e o espírito?...

Depois da primeira frase, em que a sede de amor lhes doura a vida, quantas não reconhecem no convívio que o seu ídolo moral é um canalha, e que o amoroso é só o macho sórdido, sem delicadeza, sem ternura—contudente, ferocíssimo, legal...

As outras, são apenas fêmeas brancas presas à canga do lar animalmente, ou semi-loucas resignadas que um catolicismo castrador perdeu, ou ídoles lunares de amorosas esparecendo de martírio e tédio. E consciente ou inconscientemente, todas vão afinal prostituir-se. Só a moeda *diferere*: nada mais.

Mas se viver, para uma mulher, é quase sempre prostituir-se, não o é menos afinal para um homem.

Prostituir-se é deformar, ou anular mesmo, o que em nós há de individual e caracterizante, pela necessidade de captar alguém, patrão ou mestre, rico ou superior hierárquico, e até mesmo o pobre, que nos dá a ilusão de sermos bons e a consideração hipócrita dos outros.

Cada um de nós, ao entrar na aula ou na oficina, no escritório ou na repartição, no salão ou na taberna, é postiço, é convencional, é um outro; ao princípio confrangidamente, através de mil torturas; depois inconscientemente: mecanizado, deformado, quinquilharia andante e cérebro de lixos, contribuindo assim para esse ideal que nos empala, e os moralistas chamam—solidariedade humana.

Era fácil mostrar como, violentando o temperamento, esta prostituição se repercute até nos gestos, na nossa maneira de andar e de vestir. E isto em todas as classes, porque ninguém é suficientemente forte para se bastar a si mesmo; todos precisam da consideração dos outros, da opinião pública, e vão vivendo sob a garra do preconceito, que os desengonça e deforma, que os raquitiza e anula, como os saltimbancos às crianças.

Quantos resistem íntegros ao regime penitenciário que é a vida de hoje em sociedade? Alguns pelo isolamento;—bem poucos dos que ficam.

Não riam portanto ao ouvir que a Suze, a minha pobre Suze, foi nobre e foi *cocotte*. *Cocotte*, sim. Como nós todos. Porque, em suma, eu sou *cocotte*, tu és *cocotte*, ele é *cocotte*...

Que horas serão? Deve ser quase madrugada.

Eu bem queria nestas palavras de febre, silhuetar a Suze, ter um pouco de método, monografá-la. Mas não posso, não posso.

Tenho aqui na minha mesa de trabalho o seu retrato, e nem sei como tenho coragem para escrever, como posso desviar os olhos da névoa abismal dos seus, que me transem de irremediável e me enlouquecem de desejo. Desejo absurdo, que o impossível hiperestesia, e me impregnou célula a célula.

Sinto no corpo todo a carícia opiada dos seus dedos, a sua carne sortílega, embruxada; a sua pele afim da minha, e que com ela dialogava em silêncio, nas horas de esgotamento, rememorando sensações agudas, fulgurantes...

Vejo-a, vejo-a!

Passa a teoria das nossas noites (em que os seus *tics* profissionais me confrangiam) e ela era sempre duma envolvência fluida, de uma estesia de atriz inconsciente, uma viciosa triste, insaciada, e uma boa e uma pobre rapariga.

De começo podiam julgá-la artificial, tão estilizada era a sua graça, tanto o seu requinte parecia consciente e erudito, traindo-se em tudo: no andar elástico, no dandismo sóbrio, e até no ruge-ruge da sua voz de alcova e confiança. Mas não: viam-na mal. Ela era assim sem esforço, naturalmente: ela nascera uma obra de arte. E todo o meu trabalho de esta noite me parece o de um doido que quisesse com poeira reconstruir uma obra prima...

Muitas vezes já, aludi ao seu cinismo. Mas entendam-me: cinismo, disse-o o forçado genial de Reading—é a coragem de dizer as coisas como são e não como deviam ser. E a Suze era assim, quando falava a alguém que a compreendia.

Esses porém, eram raros, muito raros. Com uma intuição divinatória, balzaquiana, a Suze adivinhava às primeiras palavras o seu caso, lisonjeava-lhe os instintos, e assim durante o dia era, conforme o macho em catequese, canalha ou ducal, obscena ou protocolar.

Um deles, com quem viveu muito tempo, não via na Suze um animal de vício em quintessência, e, estúpido, não lhe sentia a graça esparrinhando gênio: era apenas sentimental e jogador.

Outra qualquer, para o prender, fazia comédias românticas, e decerto orientaria o seu comércio por esse fundo fadista e namorisqueiro. A Suze não. Parecia-lhe demasiado reles, insuportavelmente folhetim. E foi por o jogo que o laçou.

Pouco a pouco, por sugestões dominadoras, foi-o convencendo de que ganhava sempre quando cedia passivamente aos seus caprichos, quando lhe dava mais vestidos, mais dinheiro: e em pouco tempo, ela era para esse jogador supersticioso, um ícone sagrado, tutelar,—Nossa Senhora da Sorte ao seu alcance...

Dominava-o por completo. Se o traía, explicava-lhe com um ar vago e superior... que era para lhe dar chance; e todas as noites o desgraçado vinha implorar da Suze, aninhada num divã, com um pequenino ar de sibila délfica, um pouco de sorte por amor de Deus!...

Teve este espetáculo hiper-dantesco: os Poderes Constituídos—em cuecas!... Ela os viu, aos redentores da pátria: viu como era piloso o sacro onde tem o fogo os oradores: foi caloteada por economistas: sofreu contra a pele fina a

camisola de flanela dos guerreiros. Mas o que mais magoou o seu desprezo, foi a segura e a egolatria dos artistas.

para todos a sua arte era perfeita, radiando ilusão, hipnotizando.

Mais flexível que as nuvens são para o vento, o seu proteísmo teatral de prostituta mimava a cada um o seu ideal...

Ah! Mas como ela ficava, a minha Suze, a sua fadiga nervosa aniquilante, o seu imenso tédio neurastênico, querendo desertar de si, da sua alma e da sua pele enojada, para sempre!...

E caída num estofo, amarfanhada, era às vezes triste como uma coisa morta, como uma asa ferida nalgum charco... Curtia assim consigo mesma horas de miséria moral e de exaspero, sem uma queixa, sem uma lágrima, num orgulho de sozinha, donde só ressumava o sofrimento, num gesto, num olhar, numa ironia.

Uma manhã em Lisboa, acabávamos de almoçar no nosso quarto, com a janela aberta para a Avenida.

Ela fumava um Laferme, devagar, no prazer subtil de soprar nuvens. E de repente, como a uma lembrança súbita, disse-me isto baixinho, num tom que nunca esquecerei:

—Tu sabes: não gosto de falar da minha vida. Nunca me queixei. Se agora te falo, é porque é para dizer bem... Neste horror, tenho tido dias de uma volúpia imensa. Nem sei como te diga. Começo por me sentir doente, exasperada, sem poder mais... Eles vêm e eu penso que vou morrer de nojo. Vem um, vêm muitos... vêm todos... Então, não sei porquê, sinto um bem-estar, um gozo doido; acho prazer a que me humilhem; parece-me que nasci para isto, que não há destino melhor... e gozo... gozo.

Depois, num riso seco:

—Sinto a volúpia de um cristão ás feras...

Parou. Eu recebi num beijo o fumo do Laferme, e a Suze concluiu:

—Que importa isto! É um detalhe...

As outras, as vulgares, bestializavam-se; passada a crise horrível de adaptação, vendiam beijos, como um mercieiro vende arroz, um advogado eloquência, ou um diplomata uma colônia. A Suze não; era escultada em lava: era alguém.

Prostituta ou esposa, seria sempre infeliz, seria sempre ela, seria sempre só.
Pobre Suze!

Alma apolínea, foi esboteada por fadistas que tem o nome em crônicas heróicas; sofreu-lhes, em noites de orgia besta, o suor e o vomito; e com uma clarividência trágica, pressentiu muita vez os haustos da manhã subindo, a olhar com a pele arrepiada a máscara boçal de algum cliente.

Teve amantes ricos, equipagens, e as suas melhores horas eram quando sozinha, abandonada a si mesma, ouvia numa noite de inverno, como uma confidência, o crepitar da lenha num fogão...

Teve paixões sensuais que a torturaram, foi roubada impunemente muitas vezes, e uma noite em Moscou—caía neve—velando uma companheira moribunda, sem nada para empenhar e sem recursos, foi pôr no prego, jóia grotesquíssima!—a própria dentadura da doente que. Deus louvado, era montada em ouro... Assim puderam comer aquela noite.

É de estourar a rir—não lhes parece?...

Sabia de cor toda a Comédia humana: viveu toda a comédia humana. Pobre Suze!

Tu ao menos, não precisaste de ser louca para seres santa: ergueste-te sempre corajosa e simples, sem um abatimento ou uma queixa; e através de insultos e torpezas, conservaste puríssima, apolínea, uma alma aberta ao sol como uma rosa!

Quantas vezes, calçada de verniz, tiveste fome, e com teu passo elástico de espectro, nem um só Cireneu topaste que ao estender-te a mão, te não pedisse gozo...

Tu, Suze, sabias bem toda a piedade humana e como ela é antes... e depois. Se algum príncipe Nekhuladoff tentasse redimir-te, como a tua palidez riria de alto ao pobre místico, a ele que te falava de perdão e arrependimento, quando os teus olhos de névoa viam claro, com um determinismo lúcido, fatal, que a tua vida era assim, irremediável, e nem tinhas ódios nem sede de justiça, pois bem sabias que é inútil tê-la para morrer à sede...

Conheceste príncipes, é certo, mas nem um místico: só mais ou menos imbecis... Não te fossem falar do céu,—a ti que tantos viras de platina na boca de gozadores com avarias.

Por isso não tiveste gritos, não te estorceste: nem sei mesmo se choraste.

Posta em teatro, não farias uivar as galerias nessa paródia de circo tão grotesca que é um quinto ato para burgueses e povinho; eras para os raros apenas como o matoidismo poético da minha terra. Na tua voz de folha seca, dizias de todo o teu calvário apenas isto: é um detalhe.

Mas para mim, Suze, o teu corpo serpentino, que ora começa a decompor-se, o teu gênio a faguhar num incêndio murmuro de élitros e, sobretudo, o supremo encanto da tua dor heróica, sem desfalências e sem queixas, para sempre ficarão no meu espírito, como qualquer coisa de belo, de perfeito, pois que correste os bastidores da vida, todo o egoísmo, toda a lama, toda a infâmia, em vítima serena—tão serena como essas que na Grécia iam hirtas de dor entre colunas...

E amaste sempre o sol! E amaste sempre o sol!

Deixa-me lembrar-te: é a última carta que te escrevo. Desta vez serei sincero, porque estás morta, porque a não lerás...

Espera!... As nossas tardes no Rio Doce, em Leça... Os olhos dos mortos ainda refletem, ainda vêem... Pudesse eu ir arrancar-los, trazê-los nas mãos com cautela, como dois pássaros mortos, e dar-lhes ainda a beber, pobrezinhos!—sol, mar, areias ruivas, águas correntes...

Pudesse eu beijar-te os olhos mortos!

Chamava-se Sol o nosso barco. Eu levava-o à vara, lentamente. Tiravas o chapéu, estendias-te à popa e nem falavas. De quando em quando, ia colar à tua a minha boca: beijava-te as pálpebras de manso.

Parava sob um chorão, à sombra dos seus cabelos verdes. Cingia-te. Pousava a cabeça nos teus seios, que eram lindos, tersos como de virgem. Todo o teu corpo desfalecia, se humilhava no teu vestido de seda crua como o duma criança adormecida... E era então que eu sentia, que eu palpava, que eu vivia a vida divina do silêncio.

Era mais vago o marulhar da ramaria e fazia mais silêncio, como faz mais silêncio, à noite, o acorde das ondas numa praia...

Sentia-se cair silêncio como se sente cair névoa.

As nossas bocas colavam-se num beijo úmido, calado, duma volúpia tristíssima, confrangida. Era como uma despedida sem palavras, muito lenta, de dois suicidas...

Eu não te via os olhos, mas adivinhava-os: estavam maiores, mais nevoentos, como janelas deitando para o silêncio que se cavava em torno, fazendo leito ao nosso pensamento pelo espaço...

E confusamente sentíamos que o tempo passava, passava sempre entre os nossos corpos enlaçados....

Por fim—era à boca da noite—voltávamos.

Devagarzinho, dizias tu, devagarzinho...

Eu ia levando o Sol na água mortuária, e à nossa passagem, partiam sempre, iam partindo, pássaros mal adormecidos nos salgueirais das margens, refletiam-se no rio em fugas de asas, e era tudo mais triste como se esse vôo fosse o adeus de tudo...

Quantas vezes te olhei com os olhos rasos! Disfarçava, não queria nunca que os visses. E de repente, apertava-te os braços, sacudia-te para me aturdir, para espancar a emoção que me afogava numa maré de lágrimas represadas.

Queria gritar, queria chamar-te meu amor e... odiava-te. Queria beijar-te as mãos, vestir-te de meiguice, e dizer-te a ânsia, o sonho doido de viver contigo sem palavras—como as estátuas dos túmulos nas criptas...

Queria bater-te, cuspir-te, demolir-te, como faz um tufão a uma árvore sozinha, e a puxar-te os cabelos de criança, ir gritando, gritando sempre: prostituta... prostituta...

Hoje tenho remorsos. Mas tu compreendes, tu bem sabes: era quase loucura.

Não podia perdoar à tua graça ter-se deixado poluir, não podia perdoar ao teu gênio a tua derrota, não podia perdoar-te, Suze, que fosses vítima.

Ah! ter piedade, ter piedade... Mas isso é pouco, muito pouco: é um sentimento consolador só para eunucos. E eu queria amar-te ao sol, Suze, olhando as árvores irmãmente, todo o nosso desejo a escorrer luz...

A noite vinha. Seguíamos enlaçados, e eu cansava-me no esforço imenso de te não magoar... Tu bem sabias, tu bem sabias... Segundo a segundo, o meu martírio pesava o tempo como se uns ponteiros de relógio me ferissem os nervos... Tu bem sabias. Tanto sabias, que por fim me beijavas na testa, quase maternal, e a tua voz de folha seca rangia este refrém de outono: “Isso passa. E um instante, é um detalhe.

Minha pobre Suze, como tu eras justa, como tu adivinhavas, bruxa de vinte anos, para além da hora que passa, o nada que virá.

A tua desgraça era suprema, porque tu eras aquela que não se ilude nunca.

Ainda assim, penso comigo: quem sabe! quem sabe! Se ela me visse como eu sou, se eu não fosse com ela sempre ator, se eu não fosse o ser falso, o *clown* céptico mascarrando com riso o sentimento; se eu não me amordaçasse a cada instante, e tivesse podido ser eu mesmo... Se visses, Suze, a criatura que eu escondo; se soubesses que afinal eu sou bem simples e como eu amo a vida toda de mãos postas...

Se em vez de analisar, eu me entregasse; se eu esquecesse os livros e os outros e te falasse tão naturalmente como o meu sangue fala nas artérias... Quem sabe!... Talvez, Suze, se eu fosse o que não viste, o que te fala agora... Porque eu lembro-me, eu lembro-me. Duas horas houve que nós vivemos um no outro, fora do espaço, fora do tempo... Tu bem sabes, tu lembras-te.

Era madrugada. Estávamos deitados.

Todo o meu ser vivia de ti, morria em ti. O nosso desejo ardera, estava morto. Que fadiga a nossa, que fadiga!...

A rua despertava, ouviam-se pregões, o sol luzia nas frinchas: eu tinha a cabeça contra o teu peito, perdidamente, como contra a esperança, como contra o futuro...

Embebia-me em ti, aspirava o teu corpo, a tua carne, a sua tristeza imensa, a sua saudade de tudo o que não teve, de tudo o que não foi... e juro—que em nenhum jardim, em nenhuma aurora, uma flor com orvalho me ungiu assim de sonho, me fez assim vibrar no impossível dum amor perfeito.

Levantamo-nos, saímos, e logo a rua, os outros, a vida dos outros, se apossou de mim, me perverteu, me obrigou a mentir, a torcer-me... e eu ri, eu ri imbecilmente, de nós, da nossa vida, e dessas horas em que auscultei contra o teu peito—o impossível de um sonho sempre erguido!...

Pois se esta noite mesmo, ao começar a escrever, ao pensar em ti—na tua morte, Suze!—eu fui palhaço, eu quebrei em esgares a emoção, e mimei um ar gelado, irônico, impossível, quando queria chorar perdidamente, quando queria beijar os pés ao teu cadáver... É que tinha medo, um medo horrível de que os outros me vissem, porque para eles é uma torpeza amar-te assim...

Eu podia dormir contigo, dar-te dinheiro... só não podia amar-te. Para todos os crimes há uma indulgência feita de cumplicidade, menos para um crime assim: não tem remissão: é imoral e é grotesco.

É preciso que a dor me abale todo, me fite bem de frente, e me hipnotize o seu olhar de chama, para eu poder dizer como te amava, como te amo.

Perdoa, perdoa. Aqui me tens aos pés do teu cadáver.

Toda a vida morreu para mim: a seiva gelou nas veias das árvores; o mar que eu amei tanto, não me importa.

A vida agora é este horror: uma sala de morgue, mesas ovais de mármore, cadáveres sem nome, já esquecidos, e entre eles, Suze, o teu cadáver.

Como irás tu para cova? Quem te vestiu?... Foram mãos sem carinho, mercenárias.

Vejo-te, digo-te adeus, Suze... O teu cadáver transe, empedra de martírio. Pareces mais alta, mais comprida. Não te souberam pentear; deixaram-te o cabelo em desalinho e, não sei porquê, está mais claro, de uma seda mais pura, mais de infância...

Tens um vestido preto (com que me foste esperar: há quanto tempo?...) sapatos de verniz, pontiagudos... fivelas de ouro... meias de seda nos teus artelhos finos de cegonha.

Cruzaram-te de certo as mãos no peito, mas escorregaram, descaíram, e amarelas, outonais, dizem ainda: "é um detalhe apenas, um detalhe..."

E o que mais me entristece é que tens frio: as mãos da podridão vão-te gelando. Oh! As tuas noites na cova, Suze!...

Abriram-te o ventre no hospital. Suturaram-to apressa, sem cuidado. Se te tirassem os nervos... Bem sei que é doido, mas que querem?... Ficava assim mais sossegado.

É amanhã que te enterram?... Hoje mesmo? Deve ser quase dia, minha Suze.

Deixa beijar-te as mãos geladas, de mansinho, enquanto falo... Assim. A minha febre aquece-tas: verás...

Não te descerro as pálpebras. Para quê? Está ainda escuro.

Tens saudades do sol, minha pobrezinha?... A última vez, quando almoçamos na praia, ao pé de Leça, olhaste-o tanto que logo pensei que ias morrer... Todo o teu corpo diz adeus ao sol. A mais ninguém.

Família?... Nunca quis saber de ti: contaste-mo sem queixa, simplesmente. Disseste como sempre: é um detalhe...

Que fica de ti, Suze? A memória da pele é passageira, e é muito incerto que a tua graça vá dourar uma saudade.

Ninguém irá ao teu enterro, e ainda bem!

Por tua causa, ninguém se irritará jantando à pressa; ninguém irá, de sobrecasaca e mau humor, fazer-te o necrológio ao cemitério.

Não terás latim grunhido por um clérigo, nem essa coisa triste e tão grotesca—um círio laico em ar solene, com fungagá e arenga humanitária.

Vais para cova só, como viveste; e depois de te teres dado a tantos homens, vai parecer-te natural que te amem vermes... Até na morte és discreta, minha Suze, pois nem sequer virás numa gazeta.

Foste perfeita: és perfeita. Amaste a beleza sempre com loucura: nas nuvens, nos *maquereaux*, nas pupilas das jóias, nos crepúsculos...

Ensinaste-me o desprezo sem palavras, a dor sem confiança, feita orgulho. Deixa beijar-te ainda as mãos geladas.

Quem mas dera guardar para sempre, em mármore; suspendê-las como um ex-voto à cabeceira, as tuas pobres mãos tão humilhadas, esfolhando eternamente sobre a vida, o perdão dos que a entendem:—o desprezo.

... Ouço horas. Uma, duas... oito. Oito horas! Se eu pudesse dormir!

E agora mesmo, ao enfiar-me na cama extenuado, eu ouço a voz da Suze, voz de seda que range, a segredar-me:

—*Mon pauvre ami! Quoi?! Qu'est-ce qui t'attriste? Ma mort?... Mais, tu sais, ça c'est un detail.*

Sim, um detalhe... como tudo, terminando no mármore frio de uma morgue, ou a uma esquina de rua banalmente. Como tudo.

O HOMEM DAS FONTES

A Justino de Montalvão

Chama-se Harry Young o homem das fontes. Vi-o a primeira vez em Granada no *Paseo de los Tristes*, ao pé de uma fonte árabe já morta. É um rapaz alto, de um loiro muito claro, maneiras simples que revelam raça, olhos de névoa calmos e abstratos, e uma voz estranha, monocórdia, ou para dizer melhor, uma voz de água. Nasceu em Londres. É rico. Sem família e sem lar, vive em perpétua viagem. Encontrei-o em Roma, em Constantinopla, em Florença, e, detalhe que me feriu intensamente, desenhando, escrevendo ou só olhando, sempre junto a uma fonte, concentrado, como se fosse a caricatura fabulosa que o encantamento de uma ninfa ali prendesse.

Harry Young chegou a obsidiar-me. Nunca porém, pensei em ir falar-lhe, recorrendo ao impudor tradicional que se tolera sempre aos que viajam.

Uma manhã, em Florença, tive quase a impressão de que era um louco. Cedo ainda, seriam cinco horas da manhã, fui para Piazza dela Signoria encher-me de sadismo extasiante a olhar na Loggia o Perseu de Benevenuto. Tem, como sabem por centenas de gravuras, uma fonte desenhada por Vasári à sombra ameadada do Palazzo Vecchio. Caía uma luz melodiosa. Harry desenhava, um caderno de apontamentos na mão fina. Um esboço da fonte, era evidente.

Àquela hora só havia pombas no silêncio irreal da praça. Discretamente, pus-me a olhar também a fonte. Ao centro, o Netuno de mármore é boçal; há uma ronda de ninfas alongadas num bronze de patine quase azul; os cavalos marinhos saltam na água e os tritões que cercam toda a taça tem a alegria de quem vive na água, uma beatitude cínica e animal, espirrando das máscaras de bronze por fossetas de riso, bocas ébrias, em verve muscular, em gestos vivos. Os dorsos luziam de água esparrinhada, e de estátua para estátua voavam pombas fazendo em roda aquele adágio de asas que à popa dos navios, no mar alto, riscam os vôos curvos das gaivotas. Não podia saborear aquela paz, com um desejo único a morder-me: ver o que Harry Young desenhava.

Ele fixava a fonte alguns instantes, e antes de transcrever o que colhera, quedava ainda imóvel, recolhido, numa aura de emoção mais do que estética, que me parecia absurda, incompatível com um esboço num álbum de viagem. Ao lado, em frente à estátua de Cosme de Médicis, criados sonolentos iam dispendo as mesas nas terrasses. Já havia dois cafés abertos onde gente apressada ia beber. Harry, que continuou alheado ainda algum tempo, foi por fim sentar-se a uma terrasse, e bebendo um copo de leite lentamente, tinha o álbum aberto sobre a mesa dando os últimos retoques ao desenho.

Quem era esta criatura que só o encanto das fontes interessava, e que em Florença, como em Granada, como em Córdoba, nunca vi num museu ou numa igreja, como se só o granito ou o mármore das fontes tivessem para os seus olhos estesia? Que sensibilidade aberrante, que destino fadara para o convívio enigmático, para segredo embalador das fontes, este rapaz, que não tinha ainda trinta anos, era decerto rico, bem nascido, e nem via mulheres nem paisagens, absorto neste claro misticismo?

Sentei-me numa mesa perto dele e pude ver à vontade o seu desenho. Nem um traço da fonte nessa página onde bem claro, escrito a grandes letras, sob um desenho singular de mulher nua, eu li: Fonte Adamanti, em Florença. O quê?! A fonte concebida por Vasári era para Harry Young aquele corpo?... E buscando a relação possível com essa fonte mítica e ingênua, onde em torno a um Netuno gigantesco farandolam ninfas e tritões, ou fosse sugestão da simpatia que desde que vira Harry eu senti, ou porque de fato ela fosse um claro símbolo, pareceu-me que essa forma musical, esse corpo de oceanide surpresa esperando o tritão que a possuiria, era a síntese poética flagrante da fonte que Vasári imaginou. Corria o risco de me tornar suspeito na ânsia de ver melhor, de analisar. Harry ergueu-se. Vi-o seguir pela galeria degli Uffizii e desaparecer ao fundo, lentamente, para esse cenário onde se evoca Dante, feito de lindas pontes habitadas, da escultura nobre das colinas e das águas do Arno romanescas.

Depois voltei para Roma, onde encontrara Harry meses antes.

Muitas vezes me lembrava dele, eu que também adoro as fontes, com uma simpatia persistente, cúmplice. Por esse tempo ia eu às noites degustar o rascante trágico da solidão na Piazza del Popolo, estirado no largo rebordo de alabastro da fonte, fronteira ao Pincio, impregnando-me dessa alma sem memória, dessa crônica augusta de silêncio, que é em Roma a atmosfera de magia das praças sem ninguém, com vozes de água. Ficava assim horas numa tristeza quase sensual, com uma espécie de delírio de grandezas que me permitia dialogar com Roma, acalmar a minha incerteza de falhado na beleza sobrenatural da grande morta, e fundir com o dela o meu destino como o de um herói num poema antigo.

Para sentir esta luxúria psíquica é preciso ter vivido muito ou ter a velhice precoce dos artistas, que em plena força e plena mocidade, agarrando pelos cabelos a alegria, entristecem ao beijar-lhe os olhos. Era aquela em Roma a minha hora mais silenciosa.

Ao centro da praça os quatro leões golfavam água, guardando o obelisco egípcio numa vigília de esfinges, sempiterna. Em Roma, à noite, vivem-se horas de convento. É a cidade suprema para viver com um sonho ou com uma idéia, velada por formas milenárias que recebem exames de consciência. Notei um

vulto esguio, à quarta ou quinta noite, sentado aos pés do obelisco, num degrau. Estava na sombra e, nem eu sei porquê, pensei em Harry. Dentro em pouco, na embriaguez dessa auto-sugestão, nem já admitia dúvidas: era Harry, era o homem das fontes que ali estava. E como uma raiz fende um granito, brotou da minha solidão de quatro meses, viajando sem sofrer um só convívio, um desejo furioso de falar-lhe.

O lirismo imemorial desse silêncio levava-me para aquela criatura, que uma espécie de loucura poética instalara de vez no meu espírito, como para um ser afim, um quase irmão.

Pareceu-me que ele mesmo se movera, olhara na minha direção, como esperando. E nessa hipertensão de nervos que dá aos imaginativos o silêncio, o convívio calado e fascinante com as criaturas brancas dos museus, o meu desejo de falar com Harry atingiu a plenitude, exasperou-se. Levantei-me. Sem me atrever a caminhar para ele, fui-me timidamente aproximando: dei a volta ao obelisco devagar e parei com ar distraído junto de Harry, como se olhasse um dos leões golfando água. Fiquei assim nervosamente alguns segundos.

Quando por fim o olhei, vi nessa máscara glabra de tritão um desejo de me falar igual ao meu. Não posso repetir o que lhe disse, as primeiras palavras que trocamos. Aludimos aos nossos múltiplos encontros, em Espanha, na Itália, na Turquia, por uma coincidência bem estranha, sempre junto de fontes...

Ninguém passava. Ouvia-se o vento a arrastar no Pincio folhas secas. Lembrei-lhe a manhã em Florença, na Piazza dela Signoria, o desenho da fonte de Vasári que eu vira na terrasse por trás dele. Harry calava-se surpreendido. Perguntei-lhe se viajava como artista, para pintar.

—Não sou pintor. Gosto muito das fontes, perdidamente. São o grande interesse da minha vida...

Disse-me então o seu amor às fontes, baixando um pouco a voz, quase em segredo.

Era órfão. Nunca quis conviver com os seus parentes, onde, por razões que depois soube, só encontrou um acolhimento frio, como se fosse um estranho, sem ternura.

Tinha uns nervos doentios que o isolavam. Dos seus tempos de colégio não guardava saudades mas só ódios, à grosseria vulgar dos camaradas, à promiscuidade forçada e torturante para uma sensibilidade como a sua. Logo que chegou à maioridade, rico e só, foi visitar nos arredores de Londres o castelo em que seus pais viveram. Correu o parque, as salas, as estufas. Viu

ainda o seu berço, os seus brinquedos, onde um pó sem saudade ia caindo, como sobre coisas velhas num museu.

Passou no quarto de sua mãe algumas horas... Sentiu uma tristeza imensa em que tudo lhe parecia hostil: os móveis, o ar, um cheiro a morte, até os olhos fitos dos retratos... O seu primeiro desejo de homem livre fora essa visita com que tanta vez sonhara, e saía de lá desamparado, com uma espécie de desespero inerte que toda a casa lhe contagiara: a velhice das coisas sem beleza onde viveu alguém que nos foi querido e que perdemos com a cor toda a memória. Esses muros sem alma angustiavam-no. Já atravessava o parque para sair quando ouviu a chamá-lo uma voz de água. Era ali perto e pareceu-lhe bem distante, vinda da sua infância já tão longe. Enfim alguém amigo, acolhedor! Foi para ela como iria para sua mãe ressuscitada, e ficou a ouvi-la até à noite. Abrira-a o jardineiro enquanto ele percorria as salas. Harry contou-me:

—Tive a visão de um lar naquele instante. Aquela pobre fonte sem beleza consolou-me como uma mãe, beijou-me os olhos.

Acarinhou-me como a irmã... que nunca tive, como a noiva que decerto não terei...

A sua água encheu-me de saudades. E ao pensar nas salas que deixara, tudo me comoveu, ali, a ouvi-la: os olhos dos retratos já me olhavam... os tapetes, os móveis, as paredes, tinham linguagem agora: compreendiam-me. As janelas á névoa, eram olhos tão rasos como os meus. E como pousavam pássaros na pedra, eu mesmo fui buscar pão para lhes dar, espalhei muitas migalhas pela fonte... Senti a vida toda no meu peito. Vem dessa hora o meu amor às fontes.

Harry erguera-se. Seguíamos pelo Corso lentamente. Pedi-lhe então que me mostrasse os seus desenhos, os símbolos de fontes que criara.

—Só se quiser vir comigo ao meu hotel.

Já tenho as malas feitas para partir. Vou para Veneza. Veneza é um hospital de águas... Faz-me triste.

O quarto de Harry no hotel de Londres, Piazza d'Espagnia, tinha entre duas janelas um piano. Estavam abertas à noite, que em Roma parece mais arqueada, como para receber melhor as confidências. A torre della Trinitá del Monte deu onze horas. Naquela paz não éramos só dois, porque subia da praça, propiciando, a voz da fonte de Bernini, la Borcáccia, a escoar-se sem jatos, brandamente. Harry acendeu as serpentinas sobre a mesa. Vi então dois álbuns grandes de viagem, e alguns pequenos mais esguios.

Começamos a folhear num dos primeiros a imaginosa notação das fontes árabes: de Córdoba, de *Granada la vieja*, a terra andaluza de *mors-amor*. A fonte morta do Paseo de los Tristes, onde pela primeira vez eu vira Harry, era um cadáver de almeia; e havia ainda outra de Granada, que eu toquei no jardim de Lindaraja, onde a princesa agarena vive ainda com uma corte calada de ciprestes...

O desenho de Harry dava-me dela uma visão patética. Evocava-a nova, musical, nesse jardim interior da Alhambra—jaula feérica da luxúria árabe, onde os corpos morenos das almeias enlanguesciam nos mármore dos pátios, e nas salas de jóias lapidadas dormiam com os perfumes dos jardins as grandes sestras tórridas, de cópula...

Desenhara o mirador de Lindaraja, com as suas gelosias marchetadas que ela entreabria um pouco, debruçando-se, como para ouvir melhor a voz da fonte. E a fonte falava de desejo, porque ela tinha nos olhos, nos cabelos, na boca a intumescer, nas linhas sôfregas, a expressão de uma corola ao cair do pólen... Dos desenhos que vi das fontes turcas, um entre todos me maravilhou: a do sultão Ahmed, em Stambul, no coração da praça do Serralho. É um lindo harém de grades redoiradas, arabescado de ouro e lápis-lazuli, de que a água é sultana única.

Harry representara Schehèrezade, a noveleira das Mil noites e uma noite. Essa era bem um símbolo de fonte, que durante mil noites e uma noite, a contar histórias sobre histórias, adormeceu o califa que a matava se a sua voz lhe não fechasse os olhos... Foi um destino de fonte Schehèrezade.

Havia fontes de parques e de claustros: a primeira era uma Belle au bois dormant que um pavão heráldico velava; e entre as imagens místicas que vi, apenas lembro uma carmelitana, lendo sob uma ogiva, cor de cera, decerto Santa Teresa, Las moradas... A última, porém, a mais estranha, de não sei que vila romana ao abandono, era uma grande esfinge tumular com asas mortuárias de falena. Recordo ainda páginas isoladas: a fonte dos cavalos marinhos da vila Borghése era um Pégaso de crinas alagadas, uma cabeça de cavalo grego, desses que nos versos de Homero viviam irmãmente com os heróis. E não sei que fonte mitológica—uma estátua de Juno, sereníssima, a cabeça nimbada de andorinhas.

O outro álbum era de esboços—desenhos e *maquettes*,—toda uma arquitetura fragmentária para um palácio quimérico da água, num poético parque, inverossímil como o de Poe no Domínio de Arnheim.

A maior parte dos desenhos eram vagos, dizendo a embriogenia desse templo que Harry erguia à Água Padroeira, com beatitudes de arquiteto místico, em linhas-versículos de sonho.

Perguntei-lhe se tencionava construí-lo. Harry sorriu.

—Construí-lo e habitá-lo... Com Miss Fountain... se a encontrar um dia.

O desenho mais minucioso era a fachada, feita de duas arquiteturas sobrepostas: uma estável, de mármore rosados; outra móvel, música, espumante, de milhares de tranças de água de essas fontes, cavadas em motivos decorais no sonoro frontão religioso que viveria um dia tão beijado como as asas do mar no temporal.

É impossível descrever-lhe as linhas, como é impossível descrever a Alhambra. A fachada de mármore era subsidiária da segunda, a real, a litúrgica, a aquática; era o seu esqueleto quase oculto, e por milhares de ranhuras invisíveis, de declives matematicamente calculados, por bocas inflectindo em curvas gráceis, por bilhões de crivos capilares donde caíam chorões de prata fluida, destinada a dar vazão a essa segunda, arquitetura sinfônica, hino vivo, que o meu tritão exilado ia criar.

O mármore aparecia, sob a trama arquitetural da água golfante, como através de rendas de Burano um colo ou uma nuca de mulher, e intumescia às vezes como um seio no bojo de uma ânfora sveltíssima ou na escultura de uma planta de água.

Oh! que feliz a carne desse mármore, escrava de uma fluida arquitetura, cantada e beijada todo o sempre! Jatos cruzavam-se como na argenteira solar de uma panóplia, caíam numa taça canelada, donde escorriam molemente, em lágrimas, para renascer vivendo noutros sulcos, donde espirravam como flores se esfolham, em graças platerescas, em sorrisos.

Contra o sol, as janelas, os balcões, tinham estores de longos fios de água, tamisando a luz para o interior em irisações fantásticas de nave. Mas, como Harry me fez logo notar, o seu projeto, perfeitamente realizável, era um ensaio de arquitetura musical. A euritmia dessas linhas de água, tantas volutas líquidas que eu via no amoroso desenho daquele álbum, não tinham só um fim arquitetônico, antes eram a consequência imediata, o instrumento de beleza necessário, para a ópera da Água revelada por um arquiteto-músico de gênio. Mostrou-me então a partitura do palácio. Sentou-se ao piano e tocou-me alguns motivos.

Como toda a gente no hotel dormia, executava em surdina, emocionado. Primeiro o *leit-motiv* da entrada, cantado no peristilo por três fontes, com três taças de prata cada uma. Era a ogiva elegantíssima da entrada (duas curvas angulares de água jorrante em conchas de alabastro quase ocultas) que acompanhava as três vozes argentinas. Harry chamava-lhe: o motivo de saudação.

Depois tocou-me a sinfonia da fachada. E foi então que ouvi a alma transcendente desse tristão-poeta desterrado! E Harry dizia, crispando as mãos numa impotência de nervoso, que era impossível mimar sobre um piano a fluidez dionisíaca das frases. Os graves e os agudos conseguiam-se por diferenças de calibres, indo de uma tenuidade capilar até aos cilindros de maior diâmetro, às bocas, divertículos, ampolas, com recôncavos e inflexões previstas, num duplo intuito ornamental e acústico.

A gama das ressonâncias era imensa, indo dos acordes dos mármore e alabastros até aos timbres dos metais mais ricos, dos bronzes, pratas foscas, claros ouros, com espessuras várias nuançando, embutidos nos mármore da fachada, enriquecida assim com cores de jóia e os tons sobrenaturais de um órgão de água. Oh! essa sinfonia! Reouvi-la e, meu Deus! prazer supremo, ouvi-la e vê-la, se um dia o templo da Água fosse vida!

Três melodias fugadas corriam a fachada sem cessar. A que vibrava ao centro tinha timbres mais finos e mais altos, os jatos erguiam-se mais, implorativos, antes de recaírem em vertigem, nos dois focos de ressonância decoral. Era uma prece indefinida e dava ao templo como uma aspiração de agulhas góticas, a expressão decantada, musical, que tem as mãos erguidas das Ogivas. Harry chamava-lhe: a ânsia de ser nuvem.

Os outros dois, visualmente, fundiam-se em sinuosidades expressivas, em caprichos de linhas reticentes, e fiando a mesma clara rede, eram, musicalmente, bem diversos. Harry chamava-lhes: a alegria de morrer sorrindo: a saudade dos rios, das nascentes. E os três deliam-se numa polifonia liquescente em que a ânsia de ser nuvem tinha o patético de umas mãos erguidas; a alegria de morrer sorrindo lembrava a vida e morte das espumas; e a saudade dos rios, das nascentes, nas conchas e recôncavos de mármore revestidos dos bronzes mais espessos, dizia em acordes quase cavos o desespero da água outrora livre, domada e orquestrada sabiamente: a nostalgia do coração das rochas vivas, dos açudes, dos campos cultivados que ela regava a chalar nos sulcos largos.

Nos três lados restantes, a decoração musical era mais simples: baladas de ecos sem memória instilando um esquecimento de magia. Inútil descrevê-las: impossível. Ante o imprevisto desta arquitetura, Harry compreendendo o meu

espanto, mostrou-me, em cadernos atulhados, a notação musical minuciosa, em que as vozes de milhares de fontes tinham sido por ele copiadas, e outras de ensaios que realizara até poder compor a partitura desse palácio feérico da Água.

O seu esforço agora, a sua obsessão de cada instante, era, estudando a hidráulica e a acústica, chegar a harmonizar a arquitetura, que lhe parecia pouco bela ainda no mármore, com a beleza musical e plástica da arquitetura líquida exterior. Trabalhava com febre, dia e noite.

Mostrou-me ainda detalhes interiores. A Galeria da Meditação tinha vitrais historiando os mitos da Água: ao largo da laguna veneziana, o casamento do Doge com o Adriático na galera de sonho o Bucentauro; Ofélia louca, o cabelo como um chorão de fios de ouro, apartando com mãos de prata fosca os canais orando à beira-rio: sereias penteando-se ao luar com medusas nos seios gotejantes...

No chão de pórfiro, um tapete esmaecido de reflexos. E nas paredes nuas, como se pendurasse as telas de algum mestre, Harry cavara duas fontes pequeninas, num *tingling* lacrimal, beijante, clepsidras a viver fora do tempo... Ali iria meditar e ler.

Era evidente porém que o seu palácio só podia existir no isolamento.

Disse-me então como teria de murá-lo, defendendo-o do vento, concentrando-o. Além das grades balizando o parque, cinco muros de árvores concêntricas, por ordem de alturas decrescente: a grisalha colossal dos eucaliptos, o veludo dos cedros, choupos góticos, ciprestes tutelares, e em vagas meigas, as cabeleiras soltas dos chorões... E seria num vale agasalhado.

Harry empalidecia de emoção. Detestava viajar, o convívio forçado dos expressos, a promiscuidade dos hotéis, dos restaurantes. Só por as fontes se fizera vagabundo, para as ver, para as ouvir assimilando-as, e poder executar um dia o seu palácio—síntese de todas.

O entusiasmo de Harry contagiou-me. É possível que amanhã não seja assim, que deste plano de arquitetura musical que antevejo e anteouço emocionado, no contágio febril que me vem de Harry, me fique a idéia de um projeto fruste, de uma alucinação de hiperacústico, com uma forma de loucura poética só como documento, interessante.

O templo da Água é para a vida deste sensitivo, sob uma forma íntima e discreta, a minúscula visão quase infantil, a criancice lírica encantada em que este poeta semi-louco e ingênuo tenta exprimir em linguagem de arte, com a

arquitetura e a música por meios, tudo quanto na terra deslumbrou a sua alma de tritão éxul.

Se amanhã analisar este projeto longe do seu contato perturbante, talvez eu reconheça a inanidade de todo o seu amosíssimo trabalho, mas sempre com emoção hei de admirá-lo, porque teve uma paixão e se lhe entrega, sem nenhuma restrição, de todo o corpo, e arde nessa febre dia a dia, abandonando tudo, belo e rico, por uma vida nômade, de acaso, que o fará morrer ao desamparo no hotel de alguma terra onde haja fontes, ainda fiel a essa visão de sempre, sorrindo ao seu palácio em cristais múrmuros...

O palácio da Água!... “Construí-lo e habitá-lo com miss Fountain se a encontrar um dia...” Eu cuido ver essa beleza de água tal como vive nas pupilas de Harry. Tem uma voz de água, os olhos de água, uma alma de água, clara, imperturbada, e um desejo, um sensualismo de água, envolvente, fluido, esquecedor, como um nirvana de água inesgotável.

Sem o fermento de nevrose que o desvaira, com faculdades criadoras coordenadas, Harry seria talvez um grande músico, um encantador, um místico dos sons, como fragmentariamente o revelaram as estranhas composições que agora ouvi. Ou, quem sabe! um arquiteto novo, musical pela assunção das linhas, sem recorrer, vesânico, quimérico, às impossíveis sinfonias da água onde os seus olhos pálidos, de névoa, cuidaram descobrir todo o destino.

Ao ouvir-lhe a voz meiga, monocórdia, já começo aqui mesmo a duvidar, e penso no que seria o desespero, a irremissível catástrofe deste homem, sem família, sem noiva, sem amigos, condenado a um absoluto isolamento por uma sensibilidade hiperaguda, se viesse um dia a convencer-se de que era uma loucura essa quimera onde fechou o futuro a sete chaves.

É certo, é natural que isso suceda. Que sabe ele de hidráulica, de acústica? Nem sequer tem uma educação profissional, e era forçoso, para admitir como exequível esse plano, que ele fosse um arquiteto extraordinário, um músico revelador de novos meios e um engenheiro único, de gênio.

E assim mesmo, pois que o drama musical de Wagner é, na sua beleza de vertigem, a mais vitoriosa das derrotas, condenando pela voz desse homem-deus tentativas quaisquer de fusão de artes, não era mais que certa, irrevocável, a falência total do sonho de Harry?

Esse supremo aro de unidade, fervorosa obsessão de todo o artista, é um prodígio interior, não se exterioriza, e só com uma genialidade adivinhante, se realiza por um meio único (literatura, música, pintura) a obra-prima contendo

em potencial, englobando em sugestões latentes, domínios que pareciam de outras artes.

Se ao menos pudesse conviver com ele e canalizar tão belas qualidades para qualquer coisa de viável, de fecundo! Queria evitar que a sua vida se partisse como uma lufada de vento quebraria aquela arquitetura em pratos de água, como um sistema arterial de sonho. Mas é esta a primeira noite que falamos e é decerto a última também.

E depois, como poderia desviá-lo, por que paixão substituir esta paixão, este culto das fontes religioso?...

Lembrei-me então do mar, todo o meu culto. E voltando à sinfonia da fachada, comecei a dizer que um dos motivos—a alegria de morrer sorrindo—me fizera, ali na paz de Roma, uma saudade imensa do meu mar. Harry fixou-me. Parecia constrangido.

—Gosta muito do mar, não é verdade?

Harry calava-se, interdito. Senti então entrar pelas janelas, como uma onda de silêncio que arrolasse, a paz de Roma prenhe de memórias... A fonte de Bernini ouviu-se mais: dir-se-ia uma voz de ama milenária a acalentar fantasmas com terror...

Ao ver Harry perplexo, hesitante, arrependia-me da pergunta que lhe fiz, mas ele viu com certeza nos meus olhos a minha curiosidade, a minha ânsia. A sobre-excitação daquele instante, até o fato de eu ser quase um estranho, a quem se faz mais facilmente confidências do que mesmo a um amigo ou a um conhecido, forçaram-no a falar, violentaram-no.

Respondeu-me com agitação de um modo brusco:

—O mar?!... Não posso suportá-lo, odeio-o, porque foi ele que perdeu os meus... Compreendo-lhe a beleza, que é divina, mas não o posso ver, aterra-me, detesto-o...

Ainda hesitou. Depois, sem interrupção, vivendo as frases:

—Meu pai, que era um homem do povo, viveu doze anos com ele e adorava-o. Era piloto. Viajava para o Norte quase sempre. Filho de marinheiros, tinha nas veias o amor do mar. Foi de volta da Islândia, a bordo do Baltic, que pela primeira vez viu minha mãe. Teria ela então dezessete anos.

Meu pai, ruivo e forte, tinha uma beleza viril, impressionante. Ela, já então órfã, viajava com meu tio, um velho estranho, que só as viagens por mar interessavam. Era bela (tirou uma fotografia da carteira) imensamente bela, não é verdade?

Tinha uma índole exaltada, romanesca, que o hábito de realizar todos os caprichos levou a um despotismo singular, de perversão nervosa, de histeria, e ao menor obstáculo, com acessos de choro e grandes febres. Meu tio era o tutor, e longe de a reprimir, estimulava-a mais, lisonjeando-a, com uma adoração de esplenético alcoólico por aquela andorinha semi-louca. Mesmo a bordo, quando começou a amar meu pai, ela ia fazer-lhe confidências, contar-lhe os sobressaltos dos seus nervos, e ele ouvia-a com uma indulgência de ternura e talvez mesmo com uma ponta de sadismo. Mas não quero aborrecê-lo com detalhes.

Contra a vontade de todos, apenas ajudados por meu tio, cujo *spleen* se comprazia neste drama, os dois casaram, depois de uma corte romanesca que alucinara de paixão meu pai. Minha mãe teve uma exigência única, mas que era para ele a mais cruel: abandonar a vida de bordo para sempre. Estava tão doido, que a aceitou sem compreender, pálido como se lhe arrancassem toda a alma...

Na véspera do casamento, foi a bordo do Baltic despedir-se. Abraçou os companheiros um a um, e andou horas a bordo, como um naufrago, como um cão sem dono, os olhos rasos, a dizer adeus ao seu navio. Toda essa noite passou-a a errar no porto. Ninguém diria que aquele vagabundo tinha uma noiva aristocrata, bela e rica, e ia casar já na manhã seguinte.

A caminho da igreja, sentia uma alegria lúgubre, uma felicidade exasperada, como um travo de remorso do mar longe...

Depois veio a vertigem. Durante dois anos, esqueceu o mar, esqueceu tudo nos olhos verdes de minha mãe como num álcool. Viviam um do outro, sem convívio, num castelo dos arredores de Londres, que meu tio, ainda em vida, lhes doou. Havia no amor dele a minha mãe devoções de plebeu por um ser de raça, e o sensualismo de um marinheiro, moço e forte, com longos períodos de abstinência no mar largo, por um corpo de pétala, serpentino, enlaçando com braços e perfumes...

No amor de minha mãe havia bastante de perversão histérica. Sabia como ele evitava falar do mar com uma espécie de pudor religioso. Um dia mesmo ele pediu-lhe de joelhos que não lhe lembrasse a promessa que fizera, que não falasse do mar diante dele. E a cada instante, em horas íntimas, quando passeavam no parque, nas estufas, nas grandes noites de invernia e chuva, ela aludia em frases reticentes onde adejava o espectro do mar longe. Tinha a

volúpia de o martirizar. E quando o via bem amarfanhado, caído como uma coisa ao desamparo, para cima de um estofado, a mascar raivas, erguia-se mais linda que um tanagra e ia beijar-lhe os olhos, dar-lhe a boca, endoidecê-lo de amor e de luxúria.

E viviam assim meses e meses. Nem uma visita. Ninguém. Raro saíam. A vida mundana não interessava minha mãe. Tinha-a vivido febrilmente e esgotou-a com uma precocidade de nervosa, que tudo interessa e aborrece em pouco tempo. Depois, ainda por orgulho. Tendo feito um casamento desigual, não queria humilhar meu pai nem humilhar-se.

Havia nesta vida de desejo de dois seres tão diferentes e isolados qualquer coisa de feroz, de criminoso. Dois instintos presos por amor, na mesma jaula de ouro, dia e noite... Enervavam-se um ao outro. Enlouqueciam-se.

Tenho em Londres uma fotografia de minha mãe por esse tempo. Emagrecera. Lembrava um ser patético de Shakespeare. O seu temperamento de histérica requintava, em perversões subtis, quase em loucuras. Torturava meu pai continuamente, dando-lhe a visão do mar a cada instante, por sugestões que iam atormentá-lo, evitando contudo falar dele, com uma hipocrisia que era mais cruel do que seria uma alusão bem clara. Nas salas havia paisagens de mar por toda a parte... E por cima das mesas, dos sofás, como uma obsessão de crime, sempre e sempre, livros, romances e gravuras, com narrações de mar, sempre com o mar...

Até as músicas que tocava ao piano. Dizia-lhe: anda "ouvir como isto é lindo!" E ele encostado ao piano, junto dela, via os Lieder de Schubert já abertos numa página marcada. E lia: O mar!...

Depois que eu nasci, a nevrose de minha mãe, longe de se acalmar na maternidade, exasperou-se. Os dias para os dois eram enormes. Passavam horas junto do meu berço, inventando-me encantos, a adorar-me. E como me dizia a velha Jeny, por quem eu soube tudo o que lhe conto, dir-se-ia, naquela solidão envenenada, que cada vez se desejavam mais, se bebiam com olhos mais sedentos, com um amor que era uma espécie de ódio.

Tudo isto passava-se sem gestos, sem levantarem a voz uma só vez.

A virilidade impulsiva de meu pai caía dominada ao ouvir-lhe o andar. O rugir dos vestidos dela fazia-lhe um terror voluptuoso. Estirava-se aos pés dela muito tempo a beijar-lhe os sapatos, marasmado...

Os criados achavam-nos estranhos, cada vez mais pálidos, mais magros. Eles mesmos pressentiam—no silêncio augural daquela casa onde os viam enlaçados, de olhos loucos—qualquer coisa de trágico, de mau...

Meu pai, que a bordo fora sempre sóbrio, bebia agora imenso, embebedava-se. Depois, com a idéia do mar cravada nele, ia esmoer essa obsessão, calado. Viam-no às vezes falar só, baixinho, escondido nas salas afastadas, dizendo por entre dentes, sufocado, coisas de bordo, vozes de comando, com as mãos em porta-voz, olhando o teto, como se fitasse os mastros, o velame...

Se alguém o via, disfarçava, com uma expressão de terror quase idiota. Ia endoidecendo pouco a pouco.

Minha mãe sabia tudo, tudo. A pobre Jeny, sobressaltada, ia contar-lhe; pedia-lhes que se distraíssem, viajassem, que fizesse um esforço para o salvar. Ela, porém, só tinha curiosidade para saber se meu pai bebia muito, se falava só, o que dizia...

Às vezes vinham cartas dos camaradas, dos portos em que o Baltic tocava, falando-lhe de bordo com saudades. Ele lia-as e relia-as muitas vezes. Trazia-as sempre consigo, decorava-as. Mas logo que minha mãe aparecia, mudava de figura, era já outro. O olhar babava adoração. E se um instante se abandonava nos seus braços, pegava nela ao colo como um doido, levava-a para a alcova aos tropeções, sem se importar com os criados, com ninguém.

Afinal minha mãe gostava disto. Era ela que o enlouquecia pouco a pouco. Cada vez mais, sem falar dele, a propósito das coisas mais triviais, aludia ao mar, com pausas bruscas, em que os ouvidos dele, alucinados, ouviam o rumor, a voz do largo...

Evocado a todos os pretextos, por essa linda torcionária histérica, ele acabou por ser uma presença: o Espírito do Mar viveu com eles!... Eram três agora no castelo. Passava o inverno com eles, a seu lado. Vivia nas marinhas das paredes, nos livros e no vento, nos ruídos... E mais e melhor: na alma deles...

Sós, à noite, a ouvir o vento, olhavam-se... E em ambas as bocas, bem cerradas, cada um lia: “Ouves o mar? É ele...” E depois de suspensos um instante para o sentirem correr-lhes a medula, afogavam-se nos braços um do outro, com uma fúria sensual desesperada. Foi minha mãe que provocou tudo isto, e acabou por se enredar também, por acreditar como ele, contagiada. Numa cama de amor, dois amorosos, partilham as loucuras como os corpos...

O Espírito do Mar estava com eles. Ainda lhe não tinham pronunciado o nome, mas calavam-se muitas vezes para ouvi-lo, conversavam sobre ele por olhares...

Uma noite de inverno—ia a fazer três anos que casaram—recebeu do Norte um telegrama.

Era dum camarada íntimo de bordo. Toda a tripulação o abraçava; mandavam-lhe do Baltic saudades... Pareceu-lhe então que o seu navio, o seu pano que tanta vez ferrara, vinha naquela noite de Janeiro, dizer-lhe o ultimo adeus da vida a bordo, das grandes rotas pelos mares de névoa, das veladas na ponte a todo o tempo, dos sonos bons depois no seu beliche, pequenino e estreito como um berço... Rolavam-lhe as lagrimas dos olhos.

A Jeny, que andava inquieta e os vigiava, muita vez me contou essa noite ultima.

Chovia imenso. Ela mesma lhes serviu o chá. Meu pai, como de costume, bebeu gin. Mas nessa noite foi brutal o que bebeu. Minha mãe, com uns olhos de aura histórica, dava-lhe as mãos a beijar, encorajava-o...

Já tarde, ergueram-se. Jeny foi ajudar a despir-se minha mãe. Ele seguiu devagar pelo corredor e abriu a janela toda à noite negra... Ficou assim algum tempo a olhar o vago, com a cabeça nua, à chuva e ao vento...

Depois, bruscamente, foi para quarto. Com um tremor de alcoólico nas mãos, foi a um armário de que nunca se servia, e começou a tirar roupas de bordo, atiradas há três anos para ali como coisas inúteis para sempre. Pôs-se então a vesti-las febrilmente: japona de oleado, botas altas, na cabeça o sueste... Como a bordo. Viu-se ao espelho. E ia a sair, quando voltou para trás. Qualquer coisa lhe faltava. Procurou no armário, procurou... Era a faca de bordo, numa bainha de couro já puído. Pô-la à cinta e partiu com um andar mais firme, resolutivo, como se a bordo, fosse fazer um quarto em noite má.

Outra vez seguiu pelo corredor, até ao quarto de minha mãe, que o esperava. Sem bater, entrou: parou a olhá-la. Tinha os cabelos desfeitos, muito branca, num robe-de-chambre que abriu ao vê-lo entrar. E com o colo nu perdeu-se a rir...

“Vais para o mar, meu amor? Deixas-me só?...”

Para o mar! Para o mar!... Pela primeira vez há já três anos, espantado de se ouvir, da sua voz, repetia o nome sortilégio, supremo: “Para o mar!” com uma inflexão pueril, quase idiota.

A lenha crepitava no fogão. Ouvia-se chover cada vez mais.

—“Estás vestido para bordo... Estás já pronto...”

De súbito, ela viu-o demudar-se. Com uma inflexão rouca, de bêbedo, tornou; “Está mau... está mau... Está um temporal desfeito. Como querias tu que eu me vestisse?” Ela sentiu terror e aproximou-se. “Ouves a chuva?” dizia ele. “Ouves a noite?... Ouves?... Ih! Ih! Que vento! Que maldito!...” Num lindo gesto meteu-se-lhe nos braços, colando-se contra ele, abandonando-se. O robe-de-chambre descaía-lhe nos ombros. “O pano incha, o pano incha... Ferrar pano! gritou com voz de comando: Ferrar pano!”—Tomou-lhe o corpo nos braços enovelado. E Jeny, que ao ouvir-lhe a voz correra, ouviu ainda aterrada; “Não aguenta o pano! Cortar cabos!...” Tirou a faca de bordo da cintura, prendeu a bainha nos dentes para arrancar, e cravou-lha no colo até à raiz. Era curva. Dir-se-ia que tinha a inflexão dos seios dela.

Harry contou-me ainda o processo, o julgamento, e como ele no tribunal acusou o Mar... A opinião dos médicos legistas, foi que ele estava doido irresponsável. Apesar disso, porém, foi enforcado. A opinião pública, os jornais, eram contra ele.

Harry estava lívido.

—Compreende agora porque odeio o mar.

O PRECOCE

A João de Barros

Desde que o Emílio estava doente, todos os dias, ao anoitecer, se reuniam no seu quarto e assim ficavam algumas horas, numa intimidade meiga, como se dessa cabeça de precoce, unvida de sossego, dos seus olhos de adivinho, de um veludo grande e calmo, se exalasse paz, uma paz clara, em que tudo se perdoasse e se esquecesse.

Tinham já lugares marcados. A mãe à cabeceira, logo ao pé a tia Olívia, para contar histórias; os outros em redor, e aos pés da cama, em frente ao doentinho, o busto nobre do tio Eduardo, já grisalho, a sua máscara fina um pouco vaga, como a de todos os que vivem no silêncio como outrora se vivia num convento. O pequenino era assim uma figurinha de mito familiar, e nas suas palavras lentas, de intuição e de carícia, todos se ouviam como o mar nas conchas. Tinha uma voz de sombra amiga. Adoravam-no. Mas agora, martirizado de dores, a consumir-se dia a dia, as mãozitas transparentes, entravam no terror de o ver pior. E se um móvel estalava, um farrapo de luar batia os vidros, ou ao cair da noite, a sombra vinha,—tremiam no silêncio, tinham medo, como se disfarçadamente a Morte entrasse, viesse de mansinho pra gelá-lo.

Às vezes, nas pausas de algum conto ou da conversa, se alguém se voltava, logo os outros inquietos o seguiam; e era vulgar olharem a porta de soslaio, como se esperassem alguém, uma visita...

Todos falavam em surdina, velando a voz um pouco opressa, e assim as coisas mais banais tinham um não sei quê de estranho; as palavras caíam como folhas secas e nos olhos de todos havia uma expressão de adeus. Nem todos, nem todos! A mãe radiava fé. Bastava ver-lhe as mãos correndo a dobra do lençol, de veias altas, intumescidas de ternura, e pousarem numa geada de beijos nas mãos do seu filhinho, para sentir a emoção louca, religiosa, tendo ressurreições em cada gesto, sarando num olhar, numa oração. É que essa criança era a sua própria alma, presa naquele leito como um passarito enfermo, abrindo pra ela olhos enormes, como para decorar bem, antes de partir; e dizendo de quando em quando: “mamã, minha mamã”, num rumor de asa cansada.

Era muito moreno, tinha a testa alta, um pouco bombeada, boca de lábios finos, mento curto, bussolado em covinhas, que a magreza já quase que delira. Mesmo quando tinha saúde, ria pouco; não sabia brincar e qualquer coisa, o mais simples aspecto, o distraía como numa visão inconsciente.

Tinha um ar de quem se lembra. Uma vez foi ao colégio. Voltou com febre, doente, a tremer todo, e quando o pai o interrogou, só pôde dizer “que não era nada, que não tinha nada”. Mas à noite, quando a mãe ia a deitá-lo, rompeu a beijar-lhe as mãos, num choro brusco, e mal pôde pedir entre soluços, de mãos postas, pra não voltar... pra não voltar mais ao colégio.

—Sossega, meu filhinho. Quem te fez mal? Que te fizeram? Não voltas mais, não voltas mais. Que te fizeram?...

—Vi bater num menino.

E outra vez o choro o sufocou, em bagas grossas, torcendo o seu corpinho de arbusto à ventania. Nessa noite teve febre, delirou, e os pais resolveram que tão cedo não voltava. Pediu então à mãe que o ensinasse. Ao cair das tardes, com a costura no regaço, ela dava-lhe lição, e em pouco tempo, por entre confidências que eram beijos, ele aprendeu maravilhado a ler. O seu amor cresceu ainda, como regado de gratidão. Dizia “mamã” como quem reza.

Adorava-a. Nas tardes de sol, os irmãos brincavam no quintal; chamavam-no, e como ele era o mais pequeno, faziam-lhe mimos, numa grande ternura protetora. Ele não ia, desculpava-se. Preferia ficar junto dela, na varanda de pedra, a vê-la bordar.

—Não queres brincar, Milinho? Vai, vai brincar com os manos.

Ele erguia os seus olhos de veludo:

—Deixe-me estar ao pé de si, mamã. Não há nada tão bom pra mim.

Raro saíam. Às vezes, com a mãe, ia às tardes à Foz pra ver o mar. Voltavam ao anoitecer. Falavam pouco.

—Gostas do mar, Milinho?

—Muito, mamã, muito. É a coisa mais linda que há.

Foi ao voltar de um passeio assim, numa tarde de novembro, que o pequenino teve tosse e cuspiu sangue.

—Que te dói? Dói-te o peito?

—Pouco, mamã. Não se aflija. Não há de ser nada.

O médico veio, aconselhou cautela, receitou. Teve depois com o pai uma conferência larga. E foi então que o terror abriu sobre ela as asas côncavas, geladas. Não podia dormir. Levantava-se a cada instante, pra ver se estava bem coberto, se tomara o remédio, pra senti-lo. A tosse dele feria-lhe também o peito; transia-a toda, como um dobre. Vestia-se à toa, sem cuidado. Tudo o mais lhe era indiferente. Marido, os outros filhos, família, governo da casa, visitas, os outros... que lhe importavam agora, se o seu filhinho estava mal?

E extenuada, adormecia às tardes à cabeceira do doentinho, que a olhava a sorrir, muito feliz, como se fosse um ser de conto preso num lindo encantamento. Pouco a pouco, apesar de ninguém o achar melhor, foi-se esvaindo o terror dela, e uma grande loucura, a loucura divina da esperança, galvanizou-a de coragem, deu-lhe fé. Amava-o com toda a carne e toda a alma.

O casamento tinha sido, para sua índole delicada de romântica, uma decepção dolorosíssima a que pouco a pouco se adaptara. Não teve crises, não sofreu violentamente. Foi um espairecer lento da ilusão; todo o seu sentimento que morria como uma planta à sede; e ela curvara a cabeça, aceitava a vida que lhe davam, com uma resignação de fraca que se esquece. Teve dois filhos. Criou-os. E uma paz de maternidade um pouco animal, foi-a acalmando; o seu passado de sonho estava longe, nas águas mortas da memória; e ia vivendo assim, anestesiada, sem os sobressaltos de nervos de outros tempos, uma vida normal e clara, no seu lar, entre os seus. Era uma renúncia sem tortura, inconsciente.

Passaram alguns anos, uniformes, que só a doença de um filho ou do marido vinham alvoroçar de longe a longe, e que por fim se sumiam na memória, na mesma cinza neutra, pardamente. Vivia como se fosse a própria sombra. Já não esperava ter mais filhos. Quando soube que ia ser mãe ainda uma vez, teve a emoção maior da sua vida. Certo, ela foi sempre boa mãe: amava os seus dois filhos muito e muito. Mas agora era diferente, era outra coisa. O que viria era mais, bem mais que os outros: era o filho dela e do seu sonho... Ressuscitou em si mesma: renasceu. O seu sangue rezava nas artérias promessas que antes não lhe ouvira, e começou a parecer-lhe que esse filho era a compensação que Deus lhe dava, quase um milagre, a flor inesperada em que o seu sonho redivivo iria abrir.

A sua vida banal, desencantada, murchando dia a dia, sem interesse, num automatismo frio e resignado, fora uma provação, tinha passado: e os seus nervos de histérica, despertos, com todo o amor que a vida sufocara, calcado em resignação, morrendo à sede, renasciam a vibrar de esperança, davam-lhe uma beatitude transcendente.

O seu filho (estava certa que era um filho) seria um pequenino abençoado, com um destino que só ela e Deus sabiam, e no primeiro olhar que ele lhe desse,

pressentiria um evangelho novo como um beijo a correr-lhe toda a alma... Tudo mudou na vida dela, tudo. Mal falava aos filhos, ao marido, que interpretava a estranheza dos seus modos como a mudança de caráter, os caprichos que muitas mulheres tem naquele estado. Se a olhavam insistentemente ou lhe faziam perguntas, alusões, isolava-se, desaparecia de repente, como alguém que vive para um segredo e receia que os outros lho desvendem. Parecia mais alta, enlanguescida, com grandes olhos sempre a olhar para dentro, como tem certas aves e os mármoreos.

Em solteira, nunca fez confidências às amigas. Tecia a sua teia no mistério. Todos lhe achavam qualquer coisa de dormente: não compreendiam bem o seu caráter. Mas como era modesta e era boa, esquecida de si mesma e sem vaidade, deixavam-na viver no seu silêncio como um nelumbo de pureza à flor de um lago. Mesmo no seu isolamento da província, onde vivera com os pais até casar, lia pouco e sempre os mesmos livros: vidas de santas, lendas de conventos. Exaltava-se com eles, tinha fé em qualquer coisa que Deus lhe reservava. Durante os serões lentos, costurando, cismava que nascera para freira. Toda a sua energia, a sua força, abrasava o seu sonho, era interior: e quando batiam à porta da sua alma, ela saía distraída, resignada, a obedecer aos seus passivamente. Esperava contudo um não sei quê. O Destino dissera-lhe um segredo. E sem contar a ninguém o que pensava, vivia como uma eleita: estava à espera... Os seus vinte anos em flor eram para ele.

Foi debruçada a esta ogiva de mistério, que a vieram chamar para a casarem. Depois a decepção, o sofrimento: mais tarde a renúncia, a anestesia na sonolência banal dos seus cuidados.

Apesar de não casarem por amor, outra qualquer, no seu lugar, era feliz. Ele era forte, delicado e bom. A sua vida de engenheiro absorvia-o. Quando viu que aquela rapariga, que conhecera na província vaga e meiga, continuava nos seus braços abstraída, com um olhar desencantado e quase triste, compreendeu que fizera mal em ir buscá-la como quem colhe um lindo fruto: erguendo o braço. Tentou então insinuar-se pouco a pouco, interessá-la nas suas coisas, diverti-la. Por fim resignou-se, desistiu. Como não era um sentimental, um romanesco, e a sua profissão o apaixonava, contentou-se em ter nela uma amizade, um ser de lealdade e de doçura, desdenhando teatros e convívios pela paz transparente do seu lar, e vivendo para ele, para os filhos, e para aquela vida inviolada que desfocava os seus olhos noutros céus... Como porém tudo mudara agora!

Dia a dia, a exaltação dela ia crescendo. Uma noite mesmo teve febre, e o médico lembrou que pra acalmar, era melhor uma mudança de ares, uma temporada na aldeia ou à beira-mar. Partiu então para o Minho, para a quinta, e como nem o marido nem os filhos podiam nesse tempo acompanhá-la, levou

consigo apenas as criadas, dizendo que preferia ficar só na grande paz do campo, a sossegar.

Era na Páscoa. Nessa ressurreição da primavera, ao abrir a janela do seu quarto, aspirou no perfume dos lilases a esperança que subia com as seivas, vibrando já nas asas migradoras e no pólen que dourava o ar.

Enternecia-a tudo: as relvas novas, ver os rebanhos beberar às tardes quando os montes violáceos se concentram, os pássaros felizes no pomar, e à hora das regas, ao crepúsculo, a alegria das águas borbulhantes, quando as estrelas vem, tudo descansa, pelos atalhos vão chiando carros, e nos paus, pobres poetas líricos, os sapos piam comovidamente. Nunca sentira tanto a natureza.

E foi nesta atmosfera de pomar que ela esperou misticamente a hora suprema, querendo sofrer, feliz, extasiada, como uma nuvem alta da manhã que o sol rompesse para descer aos homens...

Davam Trindades. A tia Olívia contara um lindo conto. Ao sair dos palácios de feeria por onde a voz dela o ia levando, o Emílio ficava a olhar as jóias, os anéis, a pedras preciosas esparsas na sua mesa de doente e luzindo em sortilégio, na penumbra. Eram olhos de fadas, encantados...

Não tiveram remédio senão dar-lhos: por quanto tempo, meu Deus, por quanto tempo?... Para o distrair, há dias, o tio Eduardo tirou os anéis e deu-lhos, e como o viram ficar muito contente, os outros deram-lhe também os que traziam. Mas quando iam nessa noite a despedir-se, ele ficou tão triste ao entregá-los, que o tio Eduardo propôs que lhos deixassem e todos imediatamente consentiram.

—Fica com eles, Milinho, guarda-os, guarda-os.

—Mas não são meus, não quero... Assim, não quero...

—São todos teus, são todos teus, meu filho.

Então em roda todos confirmaram a mentira de amor que o alegrava.

Daí por diante, sempre àquela hora, vivia num delírio de grandezas. Mas nesta tarde, ou porque o conto mais o impressionasse, ou porque estava mais fraco e com mais febre, a excitação do Emílio era maior. Os seus olhos de mago, muito abertos, dois veludos de febre ainda mais negros, magoavam-se fitando as pedrarias, esse baile de cores e de reflexos que pareciam mais vivos na penumbra, e como se a febre dele os contagiasse, tinham fulgurações de um brilho agudo. Abria, abria os olhos fascinado.

—Que lindo, mamã, veja que lindo!

Toda a sua carita consumida desaparecia no clarão dos olhos, mais pretos que asas de andorinhas, ao tremerem no ar em despedida. Outro sino mais longe deu Trindades, numa voz de prata e de fadiga, como se lhe custasse a vibrar até ao quarto. Todos estavam oprimidos, sem falar. E ele, erguendo os braços de repente, deixou-os ir caindo sobre as jóias, cobriu-as com as palmas das mãozinhas, puxando-as contra o peito avaramente:

—São todas minhas, não é? São todas minhas...

—Todas, Milinho, disse a mãe transida. Vergou-se então sobre elas com esforço, como se fosse para as beijar, branco de cera, e repetiu ainda extasiado:

—É lindo, lindo... lindo. Não dou nenhuma a ninguém. São todas minhas.

Espalhou-as um pouco sobre a mesa, pôs de parte os anéis, ficou a olhá-los, e sorrindo à idéia que tivera, disse baixinho:

—Vou pô-los nos meus dedos. Começou a enfiá-los com cuidado nos dedinhos ossudos, só falanges, mas deixava-os cair a cada instante, largos de mais, em fugas de reflexos. Já ia na terceira tentativa, num desespero mudo, a arfar cansado, quando o tio Eduardo e a mãe o ajudaram. Levantaram-lhe as mãos quentes de febre, e enfiaram-lhe os anéis nos dedos ósseos, que ele ergueu quanto pôde, deslumbrado.

—Mamã! Estavam a dar Trindades. Vou rezar uma ave-maria, vou rezar.

Na penumbra da alcova, de mãos postas, escorrendo em reflexos irisados, a sua vizinha disse a ave-maria num timbre muito fino de carícia, como um adeus que punha os olhos rasos, num veludo expirante de palavras, desses que tem no outono, a horas mortas, certas folhas de arbusto a despedir-se. Nem o tio Eduardo se conteve. Brilhavam-lhe já lágrimas nos olhos. Ninguém tinha coragem para falar.

A lua, que agora vinha muito cedo, batia na varanda, brancacenta. Ele tirou os anéis devagarzinho, como um ser de conto, a sorrir sempre, e deitou-se para baixo fatigado.

—Dê-me as suas mãos, mamã, quero senti-las.

E ficou a beijar-lhas muito calmo. No enleio de uma emoção religiosa, todos queriam quebrar esse silêncio, feito de sonho e de apreensões de morte, que avançava talvez na luz do luar. Foi o tio Eduardo que falou:

—Esteve hoje um dia lindo, quase quente. Temos à porta a primavera. Dentro em pouco, Milinho, estás mais forte; já podes dar à tarde o teu passeio.

—Logo que possa, mamã, vou ver o mar. Consigo, sim?

—Se Deus quiser, meu filho, havemos de ir. E ainda antes, há de ir para o quintal brincar com os manos. Sabes que a tua árvore, a magnólia, já está cheia de flores muito brancas?

—Ó mamã, mamã, deixe-me ver,—pediu ele erguendo a cabeça de repente.

—Mas vais apanhar frio, meu filhinho. Amanhã, amanhã, agora não.

Tanto insistiu, que o levaram ao colo até à janela, embrulhado em cobertores, muito contente, e ficou assim alguns instantes, a carinha colada contra os vidros, no deslumbramento da magnólia, da sua árvore, erguendo o tronco negro e lívido de lua, e nos ramos implorantes e afilados, as flores mais brancas que há na terra.

Deitaram-no. Deviam ser nove horas, pouco mais. E como sempre, levantaram-se todos para partir. Cada um então foi dar-lhe um beijo, e ao apertarem-lhe as mãos—adeus Milinho!—ele olhou-os desta vez mais devagar, com um olhar que nunca mais lhe viram, em longes de meiguice, de outro mundo, numa névoa de lágrimas contentes. E sorria ao dizer:

—Adeus, adeus. Tio Eduardo, tia Olívia, adeus, adeus...

Essa criança assim, a despedir-se, com uma voz perlada de carícia, encheu-os de aflição e de terror; e foi mordendo os soluços, sufocados, que saíram da alcova, que partiram, ouvindo dentro deles o crocito—nunca mais! para sempre! *never more!*—desse corvo fatídico, de lutos, que Poe revelou em versos trágicos. Qualquer coisa de lindo ia morrer. Qualquer coisa de lindo ia morrer...

No entanto na alcova, o pequenino, alongava os bracitos para a mãe e dizia feliz, como em segredo:

—Que bom, mamã! Que bom estar só consigo! Sente-se aqui depressa, mais pertinho...

—Aqui me tens, Milinho, aqui me tens. E beijava-o na testa longamente.

—Como eu gosto de si, minha mamã! Quem me dera viver sempre ao pé de si!

—Deus há de te sarar. Verás, verás...

—Bem sei que lhe faz pena, não se aflija: qualquer dia, mamã, eu vou partir...

—Nem digas isso, meu amor, nem digas isso.

—Vou-me embora, vou, para muito longe... Não faço falta a ninguém. Ficam-lhe os manos. Só lhe deixo a si muitas saudades...

—Se tu gostas de mim, não digas isso.

Ele tornou mais lento, resignado:

—Por sua causa, mamã, queria viver ainda que fosse assim... sempre doente, sem sair do quarto, ao pé de si, mamã, ao pé de si...

—Agora precisas de dormir, de descansar. Fecha os olhos, Milinho, dorme, dorme...

—Então dê-me as suas mãos. Quero dormir com as minhas mãos nas suas.

Dentro em pouco, serenamente, adormeceu. Ela tirou as mãos devagarzinho, aconchegou-lhe a roupa contra os ombros, e afastando-lhe dos olhos o cabelo, deu-lhe um beijo na testa, muito leve.

Já o luar escorria pelos vidros em lágrimas de opala e de mercúrio. A noite vinha ver o seu filhinho e enchê-la de esperança e de coragem. Como o pai disse recolher mais tarde (uma entrevista no *club* para negócios) mandou deitar as criadas, ficou só: esperá-lo-ia ali, junto ao seu filho. Como dormia bem, tão sossegado! Deus era bom, havia de salva-lo. E numa exaltação, quase feliz, encostou-se à vidraça a olhar a noite.

A magnólia ao luar estava divina. Se o pequenino a visse, o pobrezinho! Como ele gostava das árvores, do mar! Não se lembrava de ter visto um luar assim. Fazia-lhe tão bem: acalmava-a toda. Via ao longe, no rio, as mastreações, e distinguia as vergas, o velame, a luz dos estais à popa, nictitando. Vila-Nova, a casaria, os arvoredos, subiam do outro lado empoalhados, e a névoa que se erguera pouco a pouco, era já na colina ao luaceiro uma via-láctea nova, avoejante, salpicada de luzes, muitas luzes, como se Deus atirasse com amor, às mãos-cheias de estrelas sobre a terra. Toda a mole granítica da Sé, galvanizada a lua, se animara: corria luar nas veias dessas pedras, morenas do sol de tantos

séculos, e toda a catedral se eterizava como se as gárgulas aladas das cimalthas acordassem pra tentar um vôo último. A casaria mesmo, estava absorta. Que lindo, meu Deus, como era lindo! Elfos de lua, gnomos, rondas fluidas, andavam no ar com o pólen dos jardins, e as rosas de tocar por sobre o muro, fechando todo o quintal em trepadeiras, tinham nuances de síncope, esmaiadas. A paisagem era um sonho deslumbrado, numa assunção pra Deus, erguendo os caules, e os troncos, as torres das igrejas, e os olhos das janelas: de mãos postas. Deus fundira-se em lua, andava esparso, como um filtro de sonho, transcendente, perdoando, amando, perdoando.

Bem certo: o seu filhinho sararia. E nessa maré-cheia de luar, no encantamento sortilégio da noite, a esperança subia a aluciná-la despertando o sonho místico de outrora. Aquela figurinha não mentia: os seus olhos de mago eram proféticos. As suas mãos tocando adivinhavam, como naquela noite, há já três meses, em que uniu, sob a bênção dos seus olhos, as mãos do tio Eduardo e da tia Olívia, no silêncio que em roda se fizera. Assim os dois souberam que se amavam, e ficaram a olhar o pequenino como numa liturgia nupcial... E não tinha sete anos ainda então! Mesmo a sua conversa perturbava, com inflexões de médium, reticentes, em que palavras de sempre, as mais comuns, se engastavam em timbres de mistério. Nascera para amar, o seu filhinho. E tudo, a sua voz de concha meiga, a sua palidez estiolada, os seus olhos de oráculo—criança, diziam bem um ser predestinado, um guiador augusto de destinos, em cuja atmosfera de carícia muita dor havia de acalmar-se, como um perfume de rosa, a certas horas, nos beija com uma boca de perdão.

Toda a vida do seu filho ia passando. Descaíam-lhe as pálpebras, ao peso das quimeras debruçadas. E de repente, estremeceu gelada. Sentiu o luar nas mãos, subiu-lhe aos seios... Se a beleza da noite, transparente, este aquário em que a lua abria as veias e a vida da terra ia boiando num abandono de ninféia aberta, fosse afinal uma cilada d'Ela, um disfarce da Morte para roubar-lho!?... Meu Deus, meu Deus! Era possível que ela viesse assim, essa maldita, na feeria argêntea dessa noite, com a foice escondida em musselinas, silenciário carrasco sem memória, correndo em passos de êxtase e de opala, e matando com um hálito de gelo, num aflorar de plumas hesitantes junto do qual um beijo era grosseiro?... Um instante o terror alucinou-a. Não deixaria a lua entrar na alcova! Ia fechar as portadas, e no escuro, colando o corpo contra o seu filhinho, estaria mais segura, a defendê-lo. Num sobressalto, foi até junto dele, ficou queda. Que imensa paz nessa carinha meiga! Pôs-lhe a polpa dos dedos sobre a testa. Estava muito suado como sempre. Mas a sua respiração era tão calma, e na concha das pálpebras descidas havia uma doçura tão profunda, que se sentia bem que o seu anjinho estava a sonhar com as fadas de algum conto, onde, como ele às vezes lhe contava, a boa fada tinha a cara dela, e olhava e beijava como ela. Tudo corria bem. Pra que assustar-se? Os seus nervos, afinal, só os seus nervos! E ao voltar-se de novo para a noite, teve remorsos de ter medo

dela, de ter desconfiado loucamente que esse luar de perdão espargelado fosse um cenário infame de traição, contra aquela flor—a pobrezinha! que era seu filho e Deus ia salvar.

Voltou para junto da vidraça, ainda trêmula, a sossegar nesse esplendor silente. O luar avançava sempre e sempre. Já lhe dourava agora os olhos rasos, o cabelo, a testa, o corpo todo. E com uma idéia súbita rezou. Não podia dizer a quem rezava, se rezava a Deus ou ao luar... Mas Deus era o luar, era o luar... E agora estava certa, estava certa de que ele vinha para curar o seu filhinho, e envolvê-lo todo para sará-lo como um beijo de Deus a essa criança.

Pôs-se em bicos de pés o mais que pôde, e com um gesto feliz, misterioso, corria os cortinados de mansinho, para que ele chegasse mais depressa junto ao leito, a sorrir e a chorar, toda contente. Ele vinha, ele entrava sempre e sempre. Estendia-lhe as mãos como a chamá-lo, as suas mãos de mãe, de veias altas, que um dilúvio de amor intumescera. Já despertava os móveis, seus amigos, a que ela queria como a confidentes. E doida de feliz, quase riu alto ao ver-se no espelho enluzado. Dizia-lhe baixinho: “entra, entra...” Já a cadeira de braços estava empoadada e a trama florida do tapete ressuscitava em gamas sonolentas. Se até vitalizava as coisas mortas! Era Deus, era Deus este luar... E que sossego agora, que sossego!... Até a bica do tanque se calara. Havia uma atmosfera de milagre, o seu sonho de mística era certo. Os seus pressentimentos não mentiram. Era um destino sagrado, o pequenino. Por isso Deus descera no luar: era ele, era ele, estava ali... Isto era bem verdade, era a verdade. Mas então o seu filho estava salvo! E desatou a rir perdidamente, num timbre de histeria muito seco.

De repente lembrou-se: o luar era Deus: não devia pisá-lo, era um pecado... Fugiu então para zona ainda escura, olhou o pequenino adormecido. Pareceu-lhe que sorria extasiado. Sentiu uma alegria semi-louca, um excesso de esperança a sufocá-lo. Por fim ajoelhou-se junto ao leito, chamando-o com as mãos, lavada em lágrimas; mas rindo sempre, sempre, a segredar-lhe: “Entra, entra, entra...” Ele vinha, ele vinha, muito fluido, de cada vez mais branco, mais divino. Debruçou-se então, beijou-lhe a orla. Ergueu-se a radiar, transfigurada, com os olhos histéricos mais vítreos e um riso em aro, descobrindo os dentes, numa beatitude arrepiada. Foi esperar o luar do outro lado, as mãos nas grades da cama, à cabeceira. Ele dormia sempre, o pequenino, uma mão escondida no pescoço, a outra sobre a dobra do lençol. Curvou-se para ver onde o luar vinha. Mal conteve um grito de ventura. Tocava os pés da cama: ia subir!... “Sobe, sobe, sobe” ia dizendo. O seu pobre coração endoidecera: despedaçava-lhe o peito, de feliz. Premiu as fontes com as mãos: “lá vem, lá vem. Bendito seja Deus, sempre bendito”.

Havia um clarão no *couvre-pieds* agora. Uma larga lágrima, redonda, foi lá rolar como uma grande pérola. Nesse instante ouviu como um gemido. O pequenino mexia-se, acordava. Levou as mãos ao peito, despertou. Mal se viu o veludo dos seus olhos... Quis erguer a cabeça, descaiu-a. A mãe vergou-se sobre ele: “meu filhinho”, pôs-lhe as mãos em carícia sobre as fontes que um suor muito frio perolava, e ia beijá-lo, quando ouviu três vezes, como um fio de voz, já muito longe: “mamã, mamã, mamã...” E fechou para sempre os seus olhos febris de grande gênio triste depois dessa palavra suprema que era toda a sua fé.

O luar chegara enfim à cabeceira!

Só quando ele esfriou sob os seus beijos, só quando viu os braços que lhe erguera, para que Deus o visse de mãos postas, implorando-lhe vida, o pequenino!—recaírem inertes sobre a roupa, compreendeu o crime, o crime imenso.

—Vinha no luar a Morte... no luar...

Voltou-se então num desespero último, para o expulsar, para o pisar sob os seus pés: depois reanimaria o seu filhinho: dar-lhe-ia a beber todo o seu sangue. Mas ficou parálitica de assombro. O luar alagara todo o quarto: água lustral de lua, alma de lua, no chão, no ar, em toda a parte... O seu sangue gelava-se nas veias. Não podia lutar, era impossível. Ele invadira a alcova, asfixiara-a. Estava tudo perdido, tudo, tudo... Abriu os braços, hirta, inteiriçada, e caiu ao desamparo, sem sentidos.

DIÁLOGO COM UMA ÁGUIA

Fui jantar ontem ao palácio. Estava lindo! Felizmente ninguém. Tudo deserto. Quando eu desci do restaurante, a acender um Laferme com preguiça, caía a tarde de outono em vitrais ricos para além das ramarias a despir-se. Passeei algum tempo na avenida, e sem saber porquê, indo ao acaso, fui estacar nesse recanto triste onde mora engaiolada uma águia velha. Há que tempos conheço este mostrengo, num abandono de asilo, de ar pedinte, com asas que diríeis paralíticas, de um tom coçado e neutro de miséria!... Uma águia isto, este espantalho! A decadência reles de estas asas que tanta vez olhei com indiferença, nem eu sei bem porquê, impressionou-me. Um animal de fábula, de mito, um ser que bebeu sol de olhos abertos, curvava as garras frouxas num poleiro, e depois de carnagens e aventuras, encolhido, misérrimo, com fome, acabava a aspirar a um meio-bife, como um vadio à porta de um café. Coitada! Teve uma forma assim aquela águia que saboreou Prometeu numa montanha!

A gaiola está sórdida, está imunda. Antes estivesse empalhada num museu, ou no quarto de trabalho de um zoólogo, sócio da Academia, homem de estudo, que ao voltar da rua ou da glória, lhe pendurasse do bico o chapéu alto. Coitada! Coitada! E notei com um calafrio, que pronunciara alto este “coitada”, com uma voz que a mim mesmo surpreendeu pela inflexão perturbante de quinto ato. Olhei a águia. Vi-a encolher-se toda, contrair-se, enclavilhar as garras no poleiro, como a uma dor aguda que a varasse. Encarou-me por fim, olhou-me todo, fazendo-me corar dos pés ao coco, e com uma voz que não era a voz da fábula, sem nada de lendário, sem estranho, com uma voz normal de velha beata, arrastada e roufenha, quase gaga, cacarejou num tom de dor e mofa:

—Ao que eu cheguei! Ao que eu cheguei! Já tem pena de mim isso aí fora... Antes estar morta e podre, antes estar podre...

Estarreci. Não era o impossível realizado dessa carcaça de águia a falar alto, a falar como eu, que me empedrava: nem sequer o estranhei naquele instante; mas o dolorosíssimo desprezo com que ela me chamou isso aí fora, com que ela ouviu que um isso a lamentava. Deitei fora o cigarro bruscamente, compus um momo frio de desdém escondendo a irritação que me excitava, e premindo a bengala contra o queixo, retorqui-lhe benévolo e grosseiro:

—Não percebo o seu desprezo, não me atinge. Eu não disse “coitada” pra ofender. É sempre triste ver uma águia presa, mas numa gaiola, assim, é lamentável. Pra mais, conforme vejo no letreiro, foi um comendador que a ofereceu... E a gaiola...

—Que tem? Falta de estilo?

—Está cheia de excrementos. Está indecente.

—Já não diria isso se os visse cair de alto, no deserto, sobre o granito cariado duma esfinge... Cenários, digo-lho eu, literatura...

Eu então requintei de pedantismo, e perguntei-lhe a rir de que alta estirpe, de que águias reais, de que família, ela veio a cair neste poleiro onde agora a ouvia perorar num claro entardecer de intimidade, com idílios de guardas e criadas, raros bebês jogando às escondidas e um homem a varrer as folhas secas. Coçava-se a hesitar, com o bico baixo. Sacudiu as longas asas poeirentas e com uma voz de sono, começou:

—De alta estirpe, sim, de uma família de águias antiquíssima. Uma das minhas ancestrais, como agora se diz, fez viagens épicas na Judéia, e num crepúsculo de assombros, abrindo com as garras uma cordilheira de nuvens, viu pregado na cruz o Hebreu Doce, e logo desceu ao morro numa gula tão doida, que ensanguentou no ar de seda as asas bravas... Rasgou o peito magro do Homem-Deus, e ficou doida para sempre, doida, doida, na alucinação desse manjar patético, de martírio divino e desespero. Porque ela ouviu a confiança do Herói meigo... Mas não posso contar-lha, nem mais pio! É um segredo de família, é o meu segredo.

Amuei, retorqui num tom mimalho:

—Mas então, se não podia contar, pra que me falou nisso? Eu sou de uma curiosidade feminina. Já não saio daqui sem que mo diga.

—Mau! O senhor é uma criança. Que tolice! Dezenas e dezenas de avós meus, gerações e gerações de águias marinhas, levaram o segredo herdado e não traído, que nem ao sol, que é o deus das águias, revelaram. E quer agora o senhor com um papelzinho que lhe custou uns cobres (se o pagou) violar o murmúrio que tem séculos, e é a última vibração daquele espírito que vestiu de nebulosas toda a Vida... Sabe que mais? Estou já arrependida de falar.

—Não se zangue. Juro-lhe, juro-lhe que não digo nada a ninguém. Se soubesse o que eu sei!... Segredos de família, dramas... dramas...

Esperei um instante ansiosamente. A águia inteiriçou-se, sem me olhar, bicando longes de memória, de saudade:

—Não sei que tenho hoje. Velhice, morte próxima talvez, pressentimentos... Quando essa avó longínqua cravou as garras no peito desse Réu, e lhe bicou o

coração e bebeu sangue, sentiu que enlouquecia, que era outra... Como se ferisse uma irmã, teve remorsos; fixou os olhos bêbedos de sol nos olhos d'Ele, refrescou-lhe com as asas a cabeça, empastada em suor, de um verde lívido...

A cruz que estremecia, ficou hirta. E foi então, foi então que Ele lho disse...

—Mas o quê? O quê? Diga depressa.

—O segredo, senhor, o meu segredo.

—Mas qual é afinal? Quere torturar-me...

—Renegou-se a Si mesmo. Retratou-se! Disse o remorso de não ter vivido, a tristeza infinita, o desespero e o mal sem remédio de ser virgem, de morrer no corpo morto de uma árvore, único corpo que sentiu, o de um cadáver... As estrelas que nasciam no céu dúbio eram pro Moço Hebreu pólen doirado, e a sua alma moribunda abria toda como os hortos ideais da Galiléia... O peito arqueou-lhe mais, contracturado... Queria largar a cruz pra poder dar-se, à terra desse cerro, a alguma forma, a um corpo de mulher, a alguém, a alguém...

A voz da multidão pela ravina era um marulho de ressaca mui confuso, e Ele sentiu entre pragas e risadas, entre os lamentos e os insultos que silvavam, sentia vozes de mulher... ouviu, ouviu-as... Só elas Ele ouviu, ouvia sempre... Queria falar ainda, quis falar-lhes e pedir-lhes perdão do que lhes disse, com parábolas mentirosas de doçura e com olhos de lago sem desejo... Esvaía-se em sangue, ia azulando. Foi então que a minha avó num vôo lento, lhe emoldurou nas asas côncavas a Face... e que ela ouviu, senhor, e que ela ouviu...

Calou-se um instante imóvel no poleiro. Reparei. Era o guarda que passava.

—Já não sei onde ia. Estou com febre. Ah! No que ouviu a minha avó naquele instante... Quando eu penso nisso, quando penso... Imagine, se pode, ora imagine... Ele que era um Adivinho, Ele o Vidente, num desses instantes de gênio que abrem séculos, previu, previu bem claramente, como se mentiria à Vida em nome d'Ele, a morte da Beleza e da Alegria, a Tristeza e a Doença em nome d'Ele, séculos e séculos de vida envenenados por o sangue de amor que Ele vertera, e iria embebedar os homens muito tempo, para sempre talvez, talvez pra sempre. Sentiu então que a querer salvá-los, os perdera... Certo, esse instante de dor sempre ignorado foi o maior de dor que alguém viveu. E como Ele a diria, como...

—Em que língua falou? Foi em hebraico?

—Foi na língua das asas que Ele o disse. Não lha posso ensinar, já me não lembro. Quando me engaiolaram, esqueci-a. Mas que impressão lhe faz o meu segredo? Se os homens o soubessem, seria Ele na verdade o Redentor...

—Sim, sim. É bem justo o que me grasna. Shelley tê-lo-ia amado como irmão, e Nietzsche, o próprio Nietzsche...

—Bem sei. Esse afirmou com pompa lá pro Norte, que Ele decerto se teria retratado se tão cedo o não crucificassem. Foi minha mãe que o disse a Zaratustra. Zaratustra ouviu mal, não disse tudo. A verdade é assim, como eu lha conto. Parece que os homens riram do filósofo, acharam tudo isso uma tolice...

—Acharam...

—E afinal esse Hebreu crucificado, no instante supremo de tortura, quando para além das nuvens o esqueciam, chamava só por Pan, o grande Pan! Se os homens soubessem isto e o entendessem, teria o grande Pan ressuscitado. Seriam brancas estas pobres asas.

—Brancas? Porquê?

—Durante séculos tivemos asas brancas, todas nós, águias da minha estirpe. Foi só depois que Pan morreu, que elas ficaram pretas, como luto. Quem se lembra de Pan por estes tempos?...

—Os que sabem amar, os que ainda amam.

—Os que sabem amar!... Esse Hebreu mesmo só conheceu o Amor no alto da cruz. Viveu como um fantasma transparente, com sonho nas artérias e nos olhos... Só escoado em sangue, no madeiro, viu nos olhos da minha avó sanguissedenta, dois espelhos do Amor, irmão do sangue...

—Conhecem lá o amor aves de presa!

A águia crispou as garras no poleiro e casquinou um riso muito seco, que soava sem timbre, como tosse. Depois mudou de aspecto. Começou a tremer, toda friorenta, as asas como andrajos mais pendidas, e nos olhos de febre, muito fitos, uma grande saudade que varava.

—O amor das águias... o amor das águias...

—Que tem? Está comovida. Conte-me o seu amor. Sou todos ouvidos.

—O meu amor... o meu amor... Já me não lembro. Já não posso dizer-lho. Vai tão longe!... Sou uma velha tonta, sem memória, um farrapo de penas para escárnio. Nem olho o sol em face há muito tempo. O meu amor... o meu amor... Já me não lembro. Coisas sem forma... nuvens... nostalgias...

Fez uma pausa. Parecia mais adunca, mais mirrada.

—No convés de um navio abandonado, amei no mar do Norte, aos vagalhões, noites e noites, bêbeda de espuma... Havia a bordo um marinheiro morto. Lembro-me bem. Que noites! Que mar alto!...

Tive um ninho e filhos pequeninos, num jardim vago, ao sol da meia-noite... Que silêncio! Sentia-o a passar por entre as garras...

Ensandeci de gozo no deserto... Ouvi a Esfinge falar, ouvi a Esfinge, quando o sol lhe fendeu todo o granito, pôs ranhuras de dor nos olhos átonos, e escancarou a boca em rictos duros... O que eu ouvi à pobre?

Soluçava!... Eis o enigma afinal, o grande enigma, à hora das miragens, do delírio, quando o sol enraivece, é só desejo, e o deserto urra no silêncio, e as areias escaldam e o ar zune... Amei... amei... amei na terra toda... Desfraldei o desejo, cravei garras. Olhei o mar saciada e compreendi-o.

—Tem saudades do mar, aí na gaiola?

—Como um marinheiro preso... doidamente... O que eu viajei, o que eu viajei por sobre a espuma!... Sei as lendas do mar como ninguém. Contou-mas numa rocha um corvo antigo. Como sabe, os corvos vivem séculos... Sabia-as todas esse velho amigo... naufrágios e terrores... dramas da névoa... O mar! O mar! O que eu amei no mar! Mas o senhor não compreende, o senhor não sabe. Que sabem do Amor os homens todos?... Foi esse Hebreu, sem querer, que os desgraçou. Fizeram ao Desejo o que fazem às águias quando podem... Está como eu o Desejo: engaiolaram-no! Fizeram do Amor isto... um dever! Um dever... um dever... um dever triste! Empalaram-no em leis, codificaram-no. Até fizeram isso... o casamento! E vivem em gaiolas, os seus lares! Raça de escravos! Se esse Hebreu os visse...

—A senhora é uma águia, não percebe... Eu não posso explicar-lhe a Sociedade...

A águia olhou-me com um desprezo frio.

—O quê? Não sei? Sei mais do que Balzac. Eu li-o todo em casa de um burguês. Vivi lá dez anos de amarguras. Estive presa primeiro no quintal. Depois

cortaram-me as asas e soltaram-me. Soltaram-me mutilada pelas salas... Canalha! O que eu odeio os homens... As crianças, veja o senhor os anjos!... arrancavam-me as penas, espetavam-me o corpo com agulhas, e um dia um criado, na cozinha, tentou picar-me os olhos às risadas, a rir, a rir... como só ríem homens. Sofri dez anos entre essa canalha. Era uma gente séria, muito séria. Vi a Família, a Tradição, vi tudo. Não queira argumentar, não diga nada. Sou uma águia, mas conheço os homens.

—De acordo. Eu não duvido. Não quero discutir, não argumento. Mas falamos do Amor, e apenas digo que há ainda quem ame sobre a terra... gente da minha espécie... homens... homens... O amor, há de a senhora concordar, não é um monopólio de asas nômades... Um bípede implume também ama. É raro, eu sei, amor genuíno, é raro. Mas existe ainda, afirmo-lho eu, existe ainda...

—Que novidade! Pois não lhe disse já que li Balzac? E viajei, e vivi mais do que pensa.

Parou um instante, o olhar cismático, sem foco:

—... Uma vez, num céu da Andaluzia, vi num jardim mourisco dois amantes. Senti o cio encrespar-me as asas largas e desci pros ver de perto na luz de ouro... Era na paz de uma cidade morta. Pousei num dos ciprestes do jardim. Tinha uma taça de alabastro esverdinhada, e uma água glauca que cheirava a febre. Era junto da taça que se amavam, sob a garra do sol, loucos de raiva. Fiquei queda a aspirá-los muitas horas. Que corpos fortes! Eu achava-os lindos. Dormi na torre da igreja, numa gárgula, e de manhã voltei pros ver ainda. E assim dias e dias... Uma vez demorei-me, vim mais tarde, e encontrei-os imóveis e enlaçados. Tanto tempo os vi assim e tão imóveis, que pensei: estão talvez mais que adormecidos... Desci. Bati-lhes com as azas nos cabelos. Cravei as garras devagar nos seios dela... Estavam mortos! Julguei então enlouquecer de gula. Devorei, devorei, até à noite... Lembro-me que sorvi os olhos dela. Estavam secos de amor. Eram cinzentos...

—Que horror! O que a senhora fez!...

A águia ergueu as asas num espanto e tornou a fechá-las lentamente. Depois, com grande enfado, foi dizendo:

—Que absurdos macacos são os homens! São os animais mais torpes que eu conheço. Como tudo que vive, como todos, só pensam em gozar, gozar a vida... e com esta obsessão a estorcegá-los, prendem-se os braços, castram os desejos, adoentam-se, torcem-se... progridem. Querem morder, morder bem fundo... e beijam-se; sentem calor e andam ao sol vestidos; amordaçam o instinto, os imbecis!... Encerram o desejo nas alcovas, onde não entre sol, sombra de lua...

Tem estatutos, cláusulas, parágrafo. Não fecundam a amar, são fabricados: são produtos de indústria os homens de hoje! Chamam a isto Civilização. Não vivem por viver: tem deveres a cumprir, obrigações... E tudo isto em códigos, sistemas, em religiões, teorias, em morais!... Para os que tentem ser homens a valer, há prisões, há leis, ha toda a Ordem! Existem já na terra há muitos séculos, e ainda não começaram a viver... ou, se viveram, foi na Pré-História ou na Pré-Lenda! Que macacos absurdos! Que macacos!

—Mas pare um instantinho, ouça, ouça...

—Não me mace, senhor, não me interrompa... O que mais os consome e os faz grotescos, e os enche de vaidade, é a Consciência, o Espelho, o Guia, o grande Guia, que os levou a isso que são hoje...

Atalhei, como quem aponta um cúmplice:

—A culpa foi desse Hebreu de quem falamos. Talvez se o seu segredo se soubesse...

—Não foi só d'Ele, foi de muitos outros... Antes d'Ele e depois..., de muitos outros.

Tremeu-lhe o corpo todo. Arrepanhavam-se-lhe as penas. Estava outra. Via-a transfigurar-se com espanto.

—O senhor é bem um homem. Não se pode nutrir sem ilusão. Quando há pouco lhe disse o meu segredo, dei-lhe a entender que se ele se soubesse, havia na verdade um Redentor, os homens viveriam sobre a terra. Tive pena de si que é um desgraçado. Sempre lho digo agora: era inútil! Conheço bem os homens por meu mal. O segredo do Hebreu que lhe contei, não é um caso único: é de sempre. Á hora de morrer—a uma águia, aos lençóis ou ao travesseiro, todos os homens tem como esse Hebreu, um segredo supremo a revelar. É apenas isto: a confissão de que morrem sem viver.

Continuou depois com o bico alto:

—Os homens são uma espécie condenada. São bastardos de planta e de fantasma. Quem disse isto? Não sei... estou sem memória. Raça de escravos vis, raça de escravos! E pra fugir à Vida o que inventaram! Como trabalham, suam e tressuam!... Dissecam tudo, árvores e pedras, fecham-se em quartos a estudar micróbios... E cada dia são mais desgraçados, mais fracos, mais inquietos e mais tristes!... Cada dia se embrulham mais em roupas, põem mais vidros nos olhos, tem mais medo... E cada dia fogem mais à vida! Que imbecis! Que imbecis! Que espécie torpe!

Sentia-me exaltado, nervosíssimo. A voz saiu-me estrangulada, rouca, em sobressaltos, brusca, sem fluência:

—A senhora diz coisas que me espantam, que por vezes são justas e terríveis, mas há outras também que não entende, que não pode entender, sim, que não pode. É natural. A senhora é de outra espécie. Tem vivido com os homens mas é águia... e águia ficará até morrer.

Parei. Sentia-me vazio, em suores álgidos, quase incapaz de articular palavras. Ela então, com a plumagem toda crespa, transfigurada agora, agora outra, já com metal na voz, interrogou-me:

—O quê? O quê? O que é que eu não entendo?

Sem recursos, nulo, desvairado, atirei-lhe este lugar comum, como se estivesse a falar com um jornalista:

—Por exemplo: o Sentimento, a Beleza moral que há no Universo!

Vi-a saltar do poleiro, esvoaçar, bater asas de fúria nos arames, e recair depois na mesma pose, a arquejar, asmática de raiva. Ficou assim sem fala ainda algum tempo. Apeteceu-me fugir. Tive vergonha. A voz dela por fim veio em arestas, ferindo o meu orgulho já ulcerado:

—A Beleza moral!... O Sentimento! Que fizeram com isso?... Que fizeram? A Harmonia social, esse concerto que é de rasgar os olhos e os ouvidos. A fome, a revolta, o desespero... A raiva de saber, de analisar, de fechar em teorias toda a Vida... A Dúvida, a loucura metafísica, e o culto da dor, esse onanismo!... A impotência em tudo, a impotência... E por paródia à luta de viver, uma luta sem garras, enluvada, um ódio triste e covarde, corrosivo; a intriga e a cilada pela força; a caridade que é o egoísmo doente, e o culto dos ídolos, os cultos, a escravidão aos deuses e às idéias... A Harmonia social... essa gaiola onde vivem a uivar os homens todos!

Dava gritos estrídulos, sarcásticos: as penas eriçavam-se de fúria.

—Oh! O ódio dos homens, que grotesco! E há classes opressoras e oprimidas, com fórmulas, com cláusulas, com leis!

Não é o ódio celular, contraturante; não é o ódio animal todo de instinto; não é o ódio de todos quantos vivem! O ódio dos homens foi canalizado, por seitas, por classes, por partidos, em dogmas, preconceitos, covardias. Nos outros animais o ódio é orgânico! Todo o combate é sempre pela Vida. O dos homens é

anêmico, misérrimo, e defende o dever, o preconceito, as taras de domínio e servidão, e até mesmo na revolta é miserável, pautando a Vida, sistematizando. É o ódio da paródia de viver, do fantasma de Vida que eles vivem!...

Parou. Eu estava como tonto, desvairado. Tinha decerto endoidecido essa água velha, delirava, dizia só loucuras; mas eu não achei nada para opor-lhe, pra aniquilar nesse silêncio de fadiga. De súbito lembrei-me: a Arte, a Arte, toda a minha quimera de mãos postas!

Sentindo-me desta vez irredutível, gritei-lhe pra gaiola:

—E a Arte? A Arte? Consolação suprema de viver...

Teve farpões de escárnio ao responder-me:

—A Arte!... A Arte é a expressão da Vida. São os homens que o dizem, não é assim? Ora se eles não vivem, se não vivem, se parodiam a Vida a cada instante, se fogem mais e mais da grande Vida, a Arte é uma paródia de paródia, um espectro de espectro... miserável! Querem com tintas imitar o céu, e transcrevê-lo em lonas, em madeiras!... O céu bebe-se aos haustos, com os olhos; olha-se por olhar, sem intenção; recebe-se nas pupilas extasiadas, que se alargam mais com sede dele... É o que faz um sapo a olhar os astros! É o que os homens não compreendem nunca! Toda a terra é feliz se o sol a doura; tudo germina, as pedras e as sementes... Só os homens que se cobrem pra evitá-lo; que nas cidades gastam horas a vestir-se; que tem por céu só um paninho côncavo a que chamam guarda-chuva ou guarda-sol; que o filtram nas igrejas por vitrais, que usam lunetas, que o receiam sempre; que tem medo da morte às suas garras, deslumbramento e orgulho de águias soltas; só os homens, absurdíssimos macacos, querem copiá-lo em lonas, em madeiras, com tintas, com carvões, com paus de cor!...

Que macacos absurdos, que macacos!

Bem quis interrompê-la, não podia. Vibrava de loucura negadora, hierática, estranha, convulsiva.

—E nem poupam o mar nem as searas, as penedias trágicas, as rosas! Metem o mar nuns centímetros de lona, e com medo que as marés vão sufocá-los (a água ria, ria como louca) mandam emoldurá-lo, encaixilhá-lo!...

Prendem-no assim nas salas, nas alcovas. Oh! A Arte dos homens! Coisa imensa! A paródia da Vida... paralítica! Mas vá alguém dizer-lho! Vão dizer-lho! Ainda os antigos cegavam as estátuas... Estes abrem-lhes olhos, bem abertos, a refletir...

o quê? A vida deles, a paródia de vida que eles vivem e que andam a imitar ainda por cima!...

A noite começava a entrar nas coisas. Um grito de pavão varou o parque, assustou os jardins que adormeciam, e um instante no ar, teve saudades... Uma angústia sem nome andava esparsa, caía das árvores grisalhas, que pareciam à escuta, com terror. Em frente o chorão vergava mais, quase rasava a terra com doçura, em curvas de um encanto nazareno. Uma sereia aguda de vapor, já a sair a barra certamente, mugiu como um agouro de naufrágio. A treva ia afogar toda a gaiola. Não via bem a águia, mal a via. Só os olhos e as asas muito vagas... Era um fantasma de águia àquela hora, mas crescia em mim desmesurada, como um ser de fábula e tragédia, oráculo sarcástico e sinistro, lendo o horóscopo num poleiro reles, como se rasgasse a esperança com as garras. Afinal era eu a sua presa, e ouvia-a passivo a torturar-me.

—A Arte dos homens! Que mentira triste! Em vez de serem belos como estátuas, derrancam mais os corpos para erguê-las! Até modelam sonhos e quimeras!...

Nunca olharam as nuvens, nunca as viram, esses mármoreos ao vento, flutuando... E o vento! O vento! Sabem lá ouvi-lo! Tanto não sabem que quando ele prega, durante o inverno em que ele é todo gênio, metem-se em casas grandes, bem fechadas, pra ouvir sons, sons, imensos sons... Chamam a isso Música. Conheço-a. Desde que vivo com os homens, perseguiu-me. Nem aqui na gaiola eu lhe escapei. Toca aos domingos horas, no coreto. Enche-me mais de raiva e de miséria. A música das águias como é outra!... Quem a ouviu como eu quando era águia, antes de ser esta carcaça reles! Nas montanhas, no mar, na névoa móvel!... Sobretudo no mar, no grande mar... O que eu viajei nos temporais a ouvi-la! Às vezes partíamos no vento em turbilhões, asas e asas, nômades, pairantes... Regougos de ondas, nuvens a rasgar-se, e os nossos gritos, bêbedas de espuma!... E mil vozes de formas nunca ouvidas, a voz de tudo, tudo, a voz de Pan! E o silêncio, o silêncio... Certos instantes únicos, supremos, em que ele se ouve, o temporal hesita, e um pânico arrepanha as asas todas... Como é agudo, agudo, esse silêncio!... Nas meias-noites de estio... o que eu gostava de despertar no éter melodias, ferindo-lhe o teclado luminoso, numa alma de vôo, sereníssima... Punha medo com o rumor das minhas asas às nuvens que dormiam extasiadas, e auscultava a noite pelo céu, até ouvir a manhã vibrando toda, quando o ar é uma orquestra miriadaria e os homens dormem nas alcovas mornas...

Estendeu por minutos seculares o seu monólogo patético de velha, essa arenga evocativa de fantasma, lapidando o meu ser com ironias, em que memórias épicas passavam, como o granizo aos pobres em dezembro. Todo o meu senso crítico se foi na rajada feroz dos seus despezos: era uma fúria aguda de

vingança, de esfrangalhar essa carcaça oráculo, varar-lhe os olhos com a ponteira da bengala, acabá-la de vez, estrangulá-la. Retorqui-lhe então com a voz dura, pondo raivas de morte nas palavras:

—Sim, sim... Diga ainda mais... o que quiser. Cante à sua vontade, minha amiga! Insulte os homens, ria, desgraçada. Nem me dou ao trabalho de a esmagar. Só lhe pergunto isto, apenas isto: quem a tem aí bem presa na gaiola? A si e a esse mocho seu vizinho? Ao leopardo, ao lobo, a essas feras? Quem lhe dá por esmola bifos podres, e faz de si o riso das crianças, e a há de empalhar depois de morta?... Você é uma águia tonta, dementada, que a escravidão ensandeceu de vez. Melhor, melhor! Assim faz-nos rir mais. Grasne por aí; rebente a divertir-nos!...

Parei pra tomar fôlego, cansado; mas o relevo imóvel dessa ave, a sua forma heráldica de bronze, alheavam-na tanto desta cólera, do desespero besta em que eu tremia, que me pareceu inútil continuar e me senti um títere grotesco. Era o mais infernal dos casuístas, essa águia impossível de ferir, feita de sombra, emoldurada em sombra, presa nessa gaiola e mais distante que se esgarçasse as asas nas estrelas. Enquanto assim pensava, ei-la que fala:

—Bem certo, sim, bem certo o que me diz! O Homem alastra pela terra como um cancro, pervertendo a vida, corroendo. Reduziu-me a mim, asas e garras, a um animal grotesco de capoeira, meio tonto de dor e de miséria. E as feras!... Exibem-nas nas feiras e nos circos, em gaiolas de ferro, à luz elétrica, ante o pasmo alvar das multidões, rindo da força mutilada e doente. Cortam as jubas aos leões, abrem-lhes risca, dão-lhes chicote e bifos, civilizam-nos! E quando os tem nas jaulas, sonolentos, sem força e sem instinto, entorpecidos, com as pupilas de ouro marasmadas, com as garras inúteis já sem preza, acham-se heróicos porque os chicoteiam, mesmo quando eles tremem de sezões, mesmo quando eles morrem de saudade!... Não há amor de asas num rochedo à névoa, que o terror dos homens não errice!... Antes disto, porém, já os adoraram. No Egito, em tardes de colheita, o vôo das íbis riscava no ar do Nilo curvas em que eles viam profecias... E outros como Isis, como Anúbis, sucumbiram no tédio de ser deuses, e depois das pompas rituais, de oferendas, de orações, de sacrifícios, são os servos misérrimos do homem, domesticados já, civilizados!

Mutilam as árvores, deformam-nas; exilam certas plantas nas estufas, com saudades do húmus e do sol, e trazem na lapela rosas mártires, que abriam de desejo como noivas, à espera do pólen bem-amado! Não entendem o sangue nem a seiva: vão pervertendo tudo, corroendo! Até que um dia, não mais florestas, catedrais a Pan! A terra será calva como um sábio, e cordilheiras, montes e ravinas serão assassinadas, cavacadas, pra que os homens móbiem os palácios, pra que tenham poleiros nas gaiolas... Os areais, as deserteiras ruivas onde o mar espadana e se extasia, terão motores, instalações fabris pra

utilizar a raiva das marés, em quê, deus-sol?... a enriquecer indústrias... Todo o azul será viúvo de asas, e os filhos das águias e das feras nascerão em gaiolas e em jaulas! Ah! Mas também nada haverá mais triste do que os filhos dos homens, as crianças... A inocência, essa graça animal, de flor e de ave, que eles chamam divina... os imbecis! não mais existirá nos filhos deles, refletindo nos olhos já doentes, a farsa de viver, como nos velhos... Será assim um dia, será assim. Onde irão depois refugiar-se? Nos braços do amor, do amor deles, em que um olhar de mulher lembra um naufrágio, e faz que, cada trança, por mais loira, venha a ser sempre a força de um destino! A terra será a catedral do sofrimento, fim da farsa sinistra que eles vivem, a inventar anestésicos e dores!

Certo, o farrapo de penas que hoje sou, é bem obra dos homens. Certo, certo... Mas aqui mesmo, num poleiro reles, garras em cotos, quase parálítica, consolame pensar que nenhum deles será nunca o que eu fui, asas e garras, vivendo pro Desejo pelo instinto, e em nomaderias de vertigem, amando tudo, tudo, a terra toda, na luxúria suprema e inconsciente, de viver, de viver só por viver!

Fez uma pausa. Tive a visão daquela vida fulgurante, evocada em gritos de delírio, por essa pitonisa de asas longas que cortava com o bico o meu destino.

Foi então que eu ouvi estas palavras, que eram mais que um soluço, que um crocito, uma espécie de guincho em que houve lágrimas.

—Iriam cair nas mãos dos homens os meus filhos!...

Lambeu-me um calafrio de vertigem.

Era demais, meu Deus, era de mais! Não era já o meu orgulho em chaga, enovelado como um trapo nessas garras: o que eu agora queria, o que era urgente, era mostrar a essa águia, a essa mãe, que o seu dolorosíssimo terror era uma apreensão de louca, uma injustiça: o que eu agora queria de alma toda, era mostrar-lhe o coração dos homens pra que ela o visse bem e tão patente, como se lhe pendesse a sangrar do bico curvo. Pr convencer daria tudo, tudo. Procurava um meio, sem achar. Sentia a inanidade das palavras. Com uma idéia súbita falei-lhe:

—Vou abrir-lhe a gaiola. Vai ser livre.

Era decerto o pasmo que a gelava, porque não saiu da treva uma palavra. Eu continuei numa emoção crescente em que vibrava a ânsia de a soltar:

—Vai ser livre, livre como outrora. Acorde as suas asas esquecidas. Diga adeus a essa gaiola imunda. Olhe mesmo daí: que encanto de hora! A noite arqueia ao

peso das estrelas... Uma palavra sua e abro-lhe a porta. Não duvide. Sou forte. É num instante...

O seu recorte altivo de águia em bronze amezendou: fosse fadiga ou tédio. E num bocejo vago, interrogou-me:

—Vai abrir-me a gaiola... mas pra quê?...

—Pra quê?! Pra que antes de morrer domine o espaço... pra sentir a vertigem do infinito...

—Eu?!... repetiu numa fleuma desdenhosa. Eu?!... Sair deste poleiro, da gaiola? Não sou doida varrida por enquanto. Sair da minha casa, do conforto pra incerteza da noite, pro mistério?... Sou uma águia mas vivi entre homens. Já estou civilizada, meu senhor... E se o vento me arranca as asas velhas? E se chover, e se chover? Já pensou nisso? Nem com as garras enluvadas eu me atrevo... Nem que me cubra as asas de impermeáveis...

Nem com um *water-proof*, nem assim...

A águia ria, ria doidamente. Crispei as mãos nos arames, exasperado, e com uma voz enrouquecida fui dizendo, num tom de confissão, quase febril:

—Imagina talvez que a não entendo, que sou um homem como os outros, imagina...

É natural... é natural. Não me conhece... Mas eu quero dizer-lhe: ouça! ouça!

Há em mim um não sei quê de águia marinha. A sua sorte comove-me, acredite. Quero também dizer-lhe o meu segredo, quero desabafar, contar-lhe tudo...

Bateu as asas com um ruído seco, e num timbre fatídico de corvo, com uma voz de sibila, crocitante, atirou-me estas palavras derradeiras:

—É cedo, é cedo ainda. Imite os outros. Diga isso ao morrer ao travesseiro.

Esse sarcasmo último transiu-me; e como quem se agarra ainda á esperança, pus-me a gritar pra gaiola, tontamente:

—É o convívio dos homens que nos perde. O seu destino é irmão do meu, escute... Queria ser forte e belo, queria...

Falei, falei, falei... Não sei que disse.

Sandices e quimeras e desejos, larvas de idéias, raivas, desesperos. Parei por fim.

Já nem lhe via os olhos. Decerto cerrara as pálpebras com tédio. Só o vulto de sombra sobre a sombra se alongara mais, estava maior. Ouvi então uma sineta banalíssima, a pôr-me fora secamente: era já tarde. Olhei ainda a gaiola, despedi-me, atirei-lhe pra lá um “adeus” surdo. Ao passar na jaula do leopardo, senti um cheiro mau a carne podre. Vi-lhe o vulto enigmático de esfinge, a cabeça nas patas dianteiras, os olhos de ouro fulvo, fuzilando. Se aquele me falasse, o que diria!... Atravessei o parque silencioso, como numa balada, com terror. Vi nas acácias os pavões adormecidos, olhei o céu filtrado por folhagens onde um langor de outono se esfolhava, e à saída já, pra me acalmar, molhei as mãos febris numa das taças e passei-as nas fontes consolado.

Achei-me enfim na rua, longe dela.

Um rapaz namorava mesmo em frente, a patrulha descia compassada, disse-me adeus um coco conhecido: dobrava a esquina um elétrico apinhado. Tinha ainda no ouvido a voz da águia, quando saiu de uma janela aberta uma ária roufenha de fonógrafo.

Comuniquei feliz com a vida reles. Depois disto, é evidente, não posso mais falar-lhe. Ainda bem! Levava-me ao suicídio essa águia velha.

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014